

A política e o Desporto no período da Guerra Fria: o caso da República Democrática Alemã

Bernardo Monteiro Barreto de Almeida e Sousa

Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais

Nota: lombada (nome, título, ano)
- encadernação térmica -

Março de 2013

Copyright

Eu, Bernardo Monteiro Barreto de Almeida e Sousa autorizo os direitos de copyright da presente tese de mestrado realizada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e a Universidade Nova de Lisboa têm o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, realizada sob a orientação científica de Manuel Filipe Cruz de Morais Canaveira, Professor Assistente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa

Dedicatória e agradecimentos

Ao terminar a tese, queria aqui deixar a minha homenagem a muitas pessoas que foram importantes para a realização da mesma com sucesso:

Ao Professor Doutor Manuel Canaveira pelo seu auxílio e disponibilidade na execução desta tarefa que se revelou um verdadeiro desafio.

À Professora Doutora Solange Muralha pelo sua total disponibilidade sempre que lhe foi solicitado qualquer tipo de esclarecimento, e mesmo pelo auxílio no *sprint* final que se revelou bastante duro, mas ao mesmo tempo frutuoso.

Ao Professor Doutor Stephan Unger pelo auxílio precioso no esclarecimento cabal de alguma documentação original necessária para a devida consecução do trabalho.

À Professora Doutora Rosa Serradas Duarte e ao Dr. João Galacho, por toda a disponibilidade em me auxiliar em todos os momentos, bem sei que não fui tão cooperante quanto devia, mas não queria deixar de agradecer pelo facto, deu-me bastante segurança para continuar a fazer o trabalho com optimismo.

A todos os que estiveram na minha presença nos últimos tempos, sei que não tenho sido fácil de aturar, mas espero que o resultado do meu trabalho compense todas as atribulações passadas...

Por fim, e mais importante, queria deixar o meu agradecimento à minha irmã, que tem-se revelado uma pessoa espectacular, sinto que sou a pessoa com mais sorte do mundo por a ter, não se escolhe a família bem sei, mas se pudesse escolher nunca poderia fazê-lo tão bem...Obrigado Mariana!

Dedico esta tese a quem sempre acreditou em mim.... Obrigado Mãe...

Resumo:

A política e o Desporto no período da Guerra Fria: o caso da República Democrática Alemã

No final da segunda Guerra Mundial (1945), a Alemanha foi dividida de acordo com as vontades das superpotências que ocuparam o país. Como corolário da disputa entre as nações ocupantes (Estados Unidos da América, França, Reino Unido e União Soviética) resultou a divisão do estado em duas nações distintas: uma a oeste suportada politicamente pelo Ocidente e outra a Leste suportada pela União Soviética (nesta altura estava a Guerra Fria a conhecer os seus primeiros desenvolvimentos).

Nesta dissertação procuro discernir da melhor forma o sistema desportivo existente do lado Leste da nação alemã, ao qual foi dado o nome de República Democrática Alemã. Neste estado em concreto, a relevância dada do Desporto foi desde cedo bastante acentuada, com o propósito de o utilizar como veículo para a afirmação de uma identidade nacional própria. Essa situação foi sendo reforçada com o passar dos anos, conforme o investimento no mesmo foi aumentando e o estatuto internacional do país na escala global foi sendo reforçado com os resultados obtidos.

Vou assim tentar compreender quais as facetas do regime que o tornavam num caso tão único, quer seja a partir da análise das metodologias de treino aplicadas (legais ou não), da ideologia do Estado ou ainda o modelo educacional desportivo seguido dentro das fronteiras do país que fizeram com que o país se torna-se numa potência desportiva à escala planetária.

Palavras chave: Guerra Fria, Socialismo, Capitalismo, Doping, Ideologia, Desporto, Pacto de Varsóvia

Abstract:

Politics and Sport in Cold War time: the case of the German Democratic Republic

By the end of the Second World War, Germany was divided accordingly to the will of the powers that had won the conflict. As a corollary of those countries will, the country was divided in two separate states: The Federal Republic of Germany in the west, supported politically by the United States of America; in the east the Soviet Union supported the creation of the German Democratic Republic. These events were part of the tensions that led to the beginning of the Cold War, an ideological conflict between the Capitalist West (with the USA being in the leadership of the block) and the Socialist East (with the USSR being in the leadership of the block).

In this dissertation I will focus my attention mainly in the Sport system of the GDR, which from almost the birth of the state was one of the main vehicles for obtaining recognition and at the same time creating a sense of national identity, mainly through sporting achievements.

That situation remained during the existence of the State, and it became a role model for many other countries in the same political sphere, especially considering its success having such a tiny population (about 17 million people). It's important to understand how the regime worked, the training methods that were applied, the ideological nature of the system and the sporting education model that was introduced, because of the astonishing results it achieved during the years of the existence of the State.

Keywords: Socialism, Ideology, Cold War, Education, Sports, State

Índice de Conteúdos

1. Introdução	1
2. Apresentação da questão em investigação	3
3. Defecções famosas de atletas da RDA	9
4. Primeiros Anos	14
5. Os Jogos de Munique 1972 e a aparição de uma 3ª potência Olímpica	23
6. 1976: A confirmação do sucesso	40
7. 1980: Sucesso em toda a escala	44
8. 1984: Sucesso e ressentimento	54
9. 1988: Regresso triunfal	65
10. O Doping na RDA	74
11. Modelo educacional da RDA	81
12. Casos comparáveis	88
12.1 Roménia	88
12.2 Polónia	89
12.3 Checoslováquia	91
12.4 Hungria	92
13. Conclusão	96
14. Bibliografia	100

Índice de Figuras

Figura 1: Mapa da Alemanha no pós Guerra 1945-48	4
Figura 2: Mapa da República Democrática Alemã em 1949	5
Figura 3: Mapa da Alemanha em 1961	7
Figura 4: Manfred Steinbach.....	9
Figura 5: Jurgen Kissner	10
Figura 6: Axel Mitbauer.....	10
Figura 7: Jorg Berger	11
Figura 8: Falko Gotz	11
Figura 9: Jurgen Spasswasser.....	12
Figura 10: Hans-Georg Aschenbach	12
Figura 11: Ines Geipel.....	13
Figura 12: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de 1972, realizados em Munique, Alemanha.	29
Figura 13: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976.	41
Figura 14: Atletas alemães Kornelia Ender na cerimónia de entrega de medalhas.....	42
Figura 15: Cerimónia de abertura dos Jogos de Moscovo, 1980.	48
Figura 16: Lutz Dombrowski, atleta da RDA no salto em comprimento nas Olimpíadas de Moscovo, 1980.	50
Figura 17: Prova de Patinagem Artística nos Jogos Olímpicos de Sarajevo, 1984.....	56
Figura 18: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno de Sarajevo, 1984.	58
Figura 19: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, Estados Unidos da América em 1984.	61
Figura 20: Estádio Olímpico de Seul.	66
Figura 21: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno realizados em Calgary, Canadá.....	68
Figura 22: Nadia Comaneci em acção nos Jogos Olímpicos de 1976, realizados em Montreal, Canadá.....	89
Figura 23: Irena Szewinska em acção numa prova de 400 metros.....	90
Figura 24: Martina Navratilova, a maior tenista Checoslovaca de sempre com o troféu de Roland Garros.	92
Figura 25: Ervin Zandor no final do jogo de Polo Aquático entre a Hungria e a União Soviética, respeitante à meia final do torneio Olímpico disputado em Melbourne, Austrália em 1956.	93

1. Introdução

Nesta dissertação procurarei abordar diversas temáticas, respeitantes concretamente ao sistema desportivo da Antiga República Democrática Alemã (RDA), nação que apesar da sua breve existência obteve um estatuto bastante relevante na esfera internacional, no que concerne à vertente desportiva num contexto político bastante único da História Política do Século XX, que foi o período da Guerra Fria, momento no qual decorreu um conflito de matriz política e ideológica entre o lado capitalista (representado em maior parte pelos Estados Unidos da América) e o lado comunista (representado na maior parte pela União Soviética).

Num primeiro momento desta dissertação farei uma breve apresentação da problemática em investigação, nomeadamente do contexto histórico no qual resultou o nascimento da República Democrática Alemã e das tensões ocorridas nos primeiros anos da pós segunda Guerra Mundial.

Apresentada a questão em estudo, farei um pequeno aparte, no qual procurarei revelar o lado humano de todas estas questões políticas e dar exemplos reais de pessoas que foram apanhadas no meio deste turbilhão político e ideológico, abordando mais concretamente pessoas ligadas ao Desporto, que são as que abordarei com maior nível de profundidade nesta dissertação.

Depois do estabelecimento da República Democrática Alemã, abordarei os primeiros anos da existência da mesma, e as grandes dificuldades de integração nos sistemas desportivos internacionais, e a grande perseverança que foi necessária para que o país fosse finalmente reconhecido como um país soberano, e pudesse finalmente participar nos grandes certames por direito próprio, já que nos primeiros anos não pôde apresentar-se em eventos desportivos de forma isolada, tendo de fazer parte de uma equipa conjunta com a República Federal Alemã.

Após ser concedida à RDA plenos direitos de participação em todos os grandes certames desportivos internacionais, irei abordar a evolução do sistema desportivo do país, fazendo uma divisão clara temporal, neste caso por quadriénios, coincidentes com a ocorrência de Jogos Olímpicos, começando nos Jogos Olímpicos de 1972 (primeira vez na qual o país pôde apresentar todos os seus símbolos nacionais de forma livre, incluindo ter o direito a ouvir o seu hino), passando depois pelo ciclo olímpico de 1976, posteriormente o de 80, 84 e finalmente 88 (antes do início do desmembramento do país em 1989 com a Queda do Muro de Berlim).

De seguida, falarei nesta dissertação de um dos tópicos mais polémicos que rodearam ao longo de toda a sua existência o modelo desportivo da República Democrática Alemã, que foi o uso de substâncias dopantes de forma sistemática, num projecto orquestrado pelas entidades estatais.

Outro aspecto que me pareceu relevante analisar nesta dissertação foi a questão do modelo educacional seguido pelo Estado, e que era de resto pedra basilar na capacidade de recrutamento de futuros atletas para a mais alta competição, de forma que assim consiga ficar com uma imagem mais completa da realidade vivida naquele Estado Socialista.

Por fim, e julgando não ser este um caso isolado neste período histórico, procurarei dar alguns exemplos de casos comparáveis dentro do mesmo campo político-ideológico, ou seja, dentro dos países sob alçada política da União Soviética durante o período da Guerra Fria (período histórico considerado para análise nesta dissertação).

2. Apresentação da questão em investigação

A República Democrática Alemã (RDA) nasceu como resultado das alterações políticas resultantes do final da Segunda Guerra Mundial e da divisão entre as zonas ocupadas pelas diferentes potências vencedoras do conflito (Acordos de Potsdam).[1] Tendo o conflito terminado em 1945, demorou até 1949 para ser criado este novo país, sendo o corolário lógico das grandes tensões políticas que se foram verificando durante os anos consequentes ao final do conflito.[2] As duas superpotências que emergiram do final da segunda guerra mundial, Estados Unidos da América e União Soviética, pautaram-se desde o início por uma grande discórdia sobre o futuro do continente europeu, com um ambiente de desconfiança sobre as suas intenções. Como exemplo desta situação, Estaline (líder à data da URSS) manifestou num discurso que o antagonismo entre o sistema capitalista (representado pelos EUA e o Ocidente) e o sistema comunista (representado pela União Soviética e os países do leste da Europa) teria como consequência final e derradeira uma guerra, que era tida como inevitável. Esta manifestação de intenções ficou bem expressa num telegrama enviado pelo (à data) membro da Embaixada dos EUA em Moscovo George Keenan ao secretário de Estado James Byrnes.[3] Neste documento é feita uma descrição dos perigos associados à conduta soviética, descrevendo uma atitude de negativismo do regime soviético, que procurava criar situações de antagonismo constantemente de forma a legitimar a sua forma autocrática de poder, usando a doutrina Marxista-Leninista para justificar o medo que existia perante o resto do Mundo (toda esta atitude resultava essencialmente de uma sensação permanente de insegurança perante forças externas à União Soviética). Sem esta forma de acção o regime Soviético não sabia agir, tendo como única solução para os seus problemas o uso de uma repressão permanente de forma a controlar a sua população. Assim, era tido como fundamental adoptar uma nova política face ao seu rival ideológico, assente numa política de controlo (em Inglês *containment*) das actividades do bloco rival, tendo em particular atenção as mudanças constantes, tanto a nível político como geográfico.[3] Assim, era fundamental dar mais força às instituições Ocidentais, de forma a conseguir existir um contrapeso no continente Europeu para as ambições Internacionalistas Soviéticas. Entretanto, em Março de 1947, e tendo em conta as palavras de Keenan, o Presidente dos EUA Harry Truman discursou perante o Congresso, alertando para os perigos da ameaça comunista e pretendendo defender o mundo livre contra esta corrente ideológica. Como resposta a este conjunto de

intenções, a União Soviética optou por pressionar o bloco Capitalista, bloqueando os acessos por via ferroviária, rodoviária e hidroviária a Berlim Ocidental às nações Aliadas (EUA, Reino Unido e França), tentando assim fazer com que Berlim se tornasse exclusivamente uma cidade Soviética, especialmente após as eleições realizadas na cidade, em que Ernst Reuter foi eleito, e em que o partido Comunista sofreu uma derrota clara (tanto no lado Ocidental como no de Leste). [4] Como consequência, os Estados Unidos e os seus aliados desencadearam uma iniciativa, de nome Operação Vittles, que tinha como objectivo derradeiro o fornecimento de mantimentos, de combustíveis e outros meios vitais à sobrevivência da população, por via aérea. Durante dez meses (Junho de 1948 a Maio de 1949), dois milhões de toneladas de bens essenciais foram entregues por esta via a Berlim Ocidental. O sucesso da operação foi de tal modo, que eventualmente o regime Soviético, percebendo o falhanço do propósito do bloqueio acabou por desistir do mesmo. Perante este fracasso soviético, os aliados perceberam que a única situação que poderia levar à não confrontação seria a criação de uma República do lado ocidental, com capital em Bona, que desencadeou da parte da URSS um extremar de posição, apoiando a criação de um Estado Socialista na Alemanha de Leste de ideologia alinhada com Moscovo.[5]

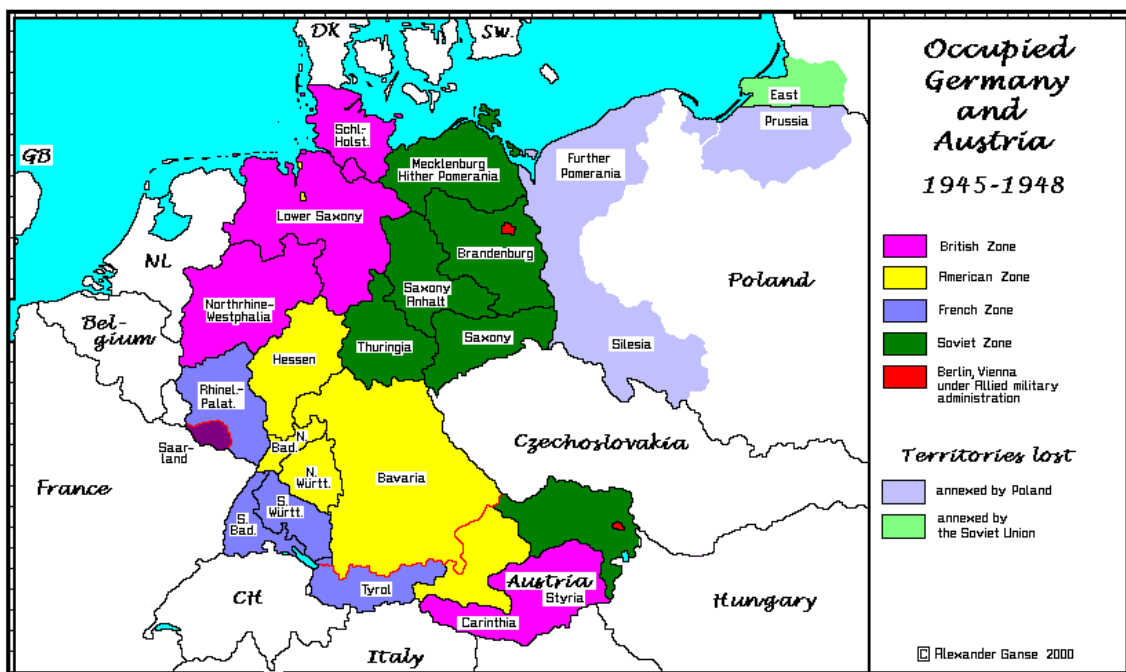


Figura 1: Mapa da Alemanha no pós Guerra 1945-48

Fonte: Alexander Ganse

Ora, neste contexto a zona ocupada pela União Soviética acabou por dar origem (incluindo Berlim Oriental) a este novo país, República Democrática Alemã (RDA), fazendo fronteira com a Checoslováquia a Sul, com a República Federal Alemã a Sul e a Oeste, com a Polónia a Este e com o Mar Báltico a Norte (Figura 2).



Figura 2: Mapa da República Democrática Alemã em 1949

Fonte: IEG-Maps, Institute of European History, Mainz / © A. Kunz, 2005

O alinhamento político da RDA com o regime de Moscovo foi desde sempre um dos pilares fundamentais da sua existência. Neste contexto, e de forma a garantir a lealdade política e militar dos seus Estados-Satélite a União Soviética constituiu o Pacto de Varsóvia em 1955, uma aliança militar que previa a resposta conjunta a qualquer eventual agressão, sendo também um tratado de amizade, de cooperação e assistência mútua que incluía a Albânia, a Bulgária, a Hungria, a República Democrática Alemã, Polónia, Roménia, URSS e a Checoslováquia. [6] A implementação deste documento tinha como propósito derradeira antagonizar o tratado do Atlântico-Norte (que havia instituído a NATO), assinado pelas potências Ocidentais. O conflito permanente entre estes dois espaços políticos de ideologias antagónicas foi a pedra basilar do conflito que entrou para a História como a Guerra Fria.

Durante os primeiros anos da existência da República Democrática Alemã, a falta de concordância de uma fatia da população para com a ideologia seguida pelo Estado, bem como problemas económicos resultantes das sequelas da Grande Guerra levaram quase 3 milhões de Alemães de Leste a saírem do país rumo ao Ocidente, de forma a poderem recomeçar as suas vidas num regime mais aberto e liberal, que era como era visto o regime da República Federal.[7] Além deste fluxo de emigração ocorreram também tentativas frustradas de revoltas populares, especialmente a verificada em 1953, e na qual acabou por causar 153 vítimas entres os manifestantes, resultantes da intervenção dos tanques soviéticos, que pretendiam controlar o descontrolo dos manifestantes. [8] Esta revolta foi importante, na medida em que fez com que Walter Ulbricht (líder da RDA à data) fosse forçado por Moscovo a mudar algumas das suas políticas, tidas como demasiado rígidas. Para tentar travar a sangria da emigração, foram implementadas novas medidas de controlo de fronteiras em Berlim Oriental, até que em 1961 foi construído o Muro de Berlim, que tinha como derradeiro propósito travar a fuga de cidadãos, sendo que desde 1949 (criação da República Federal Alemã) até ao encerramento das fronteiras entre as duas Alemanhas em 1961, cerca de 2,3 milhões de Alemães haviam conseguido escapar do lado Leste para Ocidente (só no 1º ano (1949) mais de 330.000 cidadãos haviam conseguido fugir).[8] Em último caso os guardas da fronteira que apanhassem cidadãos em fuga atravessando o muro tinham autorização

para usar força letal contra os seus próprios cidadãos. Esta acção teve o resultado desejado, que era o de impedir a fuga de cidadãos para Ocidente, e após o final da construção da barreira o número de pessoas que haviam completado o trajecto com sucesso decresceu em grande medida (no 1º ano menos de 20 mil pessoas conseguiram efectuar o trajecto com sucesso). Como tal, na maior parte dos casos eram idosos e pessoas que haviam entrado na idade de reforma às quais eram concedidos os direitos para se fixar na República de Federal (isto após a construção do Muro). [9]



Figura 3: Mapa da Alemanha em 1961

Fonte: IEG-Maps, Institute of European History, Mainz / © A. Kunz, 2004

Referências Bibliográficas:

- [1] Feis, H. (1960), “Between War and peace: The Potsdam Conference” Princeton University Press, USA
- [2] Schwartz, H. P. (1995), “The division of Germany 1945-49” em “The Cambridge History of the Cold War”, Edição por Melvyn P. Leffler e Odd Arne Westad, Cambridge University Press, UK.
- [3] Artigo “The age of Keenan” by Harry Kissinger artigo publicado no New York Times, 10 Novembro 2011
- [4] Bostdorff , D. N. (2008) “Proclaiming the Truman Doctrine: The Cold war call to arms” Texas A&M University Press, USA
- [5] Lewis , W. J.(1983) “Warsaw pact: Arms, Doctrine and strategy”, McGraw Hill Higher Education, UK
- [6] Ostermann, C.; Maier, C. S. e Byrne, M. (2003), “Uprising in East Germany, 1953: The Cold War, the German Question, and the First Major Upheaval Behind the Iron Curtain” Central European Univ. Press, UK
- [7] Grant, R. G. (1991) “The Rise and Fall of the Berlin Wall”, Mallard Press, USA.
- [8] Site http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=3510, consultado pela última vez a 01/04/2013
- [9] Site <http://www.zov-sportverraeter.de/en/exhibition/>, consultado pela última vez a 01/04/2013

3. Defecções famosas de atletas da RDA

Manfred Steinbach, recordista mundial de ciclismo em pista conseguiu a fuga em 1958, primeiro fixando-se em Berlim Ocidental, e posteriormente em Wolfsburg. Segundo as palavras do próprio: “Eles exigiam compromissos políticos da minha parte, que eu não estava disposto a fazer.”.



Figura 4: Manfred Steinbach

Fonte: Bundesarchiv, 1958

Jurgen Kissner, antigo duplo campeão da RDA em ciclismo aproveitou uma prova realizada em Colónia (RFA, 1964), para tentar a sua fuga, conseguindo-o fazer escalando o túnel do elevador do hotel onde a sua equipa se encontrava. No dia seguinte, perante o caso a Stasi (polícia secreta alemã) levou a mãe do atleta para Colónia tentando assim demover o atleta de fugir. No entanto, com a ajuda de amigos filho e mãe encontraram-se e combinaram uma forma de fazer com que o caso pudesse ser visto como o de um rapto.



Figura 5: Jürgen Kissner

Fonte: srr-gesamtschule-rodenkirchen.de

No dia 17 de Agosto de 1969 o atleta Axel Mitbauer (membro da equipa nacional de Natação) conseguiu fugir da RDA nadando 20km no Mar Báltico sob condições extremamente complicadas, iludindo a vigilância da Stasi.



Figura 6: Axel Mitbauer

Fonte: welt.de

Jörg Berger, antigo jogador de futebol da equipa do Lokomotiv de Leipzig e em 1979 já treinador das camadas jovens da selecção da RDA, aproveitou um jogo na ex-Jugoslávia para fugir para a RFA, tendo posteriormente (enquanto refugiado da RDA) sofrido muitas ameaças por parte da Stasi (inclusivamente tendo sobrevivido a um envenenamento na década de 80). Tais evidências só vieram a ser confirmadas após a abertura para consulta dos arquivos da polícia secreta da RDA em 1990.



Figura 7: Jorg Berger

Fonte: www.fussball-foren.net

Falko Gotz, jogador de futebol do Dinamo de Berlim (RDA) conseguiu, em 1983, numa visita da sua equipa a Belgrado para um jogo europeu a fuga para a embaixada da RFA, tendo por isso a sua família sofrido represálias (os pais perderam os respectivos empregos, para além de terem sido submetidos a interrogatórios intensivos por parte da Stasi).



Figura 8: Falko Gotz

Fonte: Panini

Jurgen Sparwasser, ex jogador do Dynamo de Dresden, e autor do golo mais importante da história do futebol da RDA (vitória por 1-0 sobre a RFA no Mundial de 1974) fugiu do país em 1988.



Figura 9: Jurgen Spasswasser

Fonte: www.jdg-online.de

Hans-Georg Aschenbach, o atleta mais famoso de saltos em ski da RDA (medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1976 realizados em Innsbruck, Áustria) conseguiu fugir do país em 1988 durante uma competição realizada na Floresta Negra.



Figura 10: Hans-Georg Aschenbach

Fonte: http://berkutsch.com/de/front/hall_of_fame/show/aschenbach-hans-georg

Ines Geipel: no caso desta atleta, uma sprinter de elevada qualidade foi o amor o principal motivo para a fuga. Após ter-se apaixonado por um atleta da marcha mexicano nas vésperas da Olimpíada de 1984, não havia outra hipótese para poder viver a sua história de amor que não passasse pela fuga do país. Perante este cenário, ela foi considerada um perigo para o regime, e foi proibida pelo regime de entrar em competições a partir de 1985, já que o perigo de fuga era tido como sendo bastante grande. Eventualmente em 1989, conseguiu fugir pela fronteira húngara em direcção da Áustria e entrou na República Federal Alemã usando uma identidade falsa. Mais tarde, e depois da queda do antigo regime na RDA ela tornou-se uma activista que procurou esclarecer a verdade sobre as políticas de Doping no Desporto da ex-República Socialista Alemã.



Figura 11: Ines Geipel

Fonte: focus.de

Referências bibliográficas:

Site <http://www.dw.de/east-germanys-sport-traitors/a-16122392>, última vez consultado a 01/04/2013.

4. Primeiros Anos

“O Desporto era uma arma contra o Ocidente”, quem o disse foi Peter Busse, funcionário do Ministério do Interior responsável pela fusão entre República Federal e República Democrática Alemã, sendo que o propósito derradeiro do modelo da RDA era “através de um modelo comunista centralizado conseguir fazer com que o país tivesse reconhecimento mundial”. [1] Segundo Walter Ulbricht (líder da RDA entre 1950 e 1971) os atletas eram muito mais do que simplesmente desportistas, eram “diplomatas em fatos de treino”. [2] Desde muito cedo, o isolamento político internacional (a que o país se expôs de forma mais ou menos voluntária) tinha ao mesmo tempo uma outra faceta, que era o uso do Desporto de forma consciente para fomentar relações culturais, sendo o derradeiro propósito o de tentar apresentar o país da forma mais positiva possível.

No entanto é fundamental considerar as dificuldades iniciais da RDA em se enquadrar na esfera desportiva internacional, tendo sido só em 1951 (6 anos após o fim da 2ª Grande Guerra) que a União Soviética conseguiu a adesão ao Comité Olímpico Internacional, e conseqüentemente todos os países do seu bloco político tiveram direito a adesão (incluindo nestes países naturalmente a RDA), isto apesar de as instituições socialistas desportivas na República Democrática Alemã já estarem formadas desde 1948. [2]

No entanto as dificuldades não se ficaram na mera adesão à instância internacional, na medida em que, aquando da aceitação da adesão da RDA já a República Federal tinha sido aceite, e no entender do COI (Comité Olímpico Internacional) cada país só poderia ter uma representação, o que inviabilizava a presença da RDA enquanto nação nos Jogos Olímpicos de Helsínquia de 1952. [3] Para tentar resolver este imbróglio o COI recomendou que fosse enviada uma delegação conjunta, no qual estariam atletas da RDA. Este plano acabou por não receber o parecer positivo da delegação da República Democrática que exigia como única solução o reconhecimento imediato do país enquanto entidade separada de forma a poder participar sozinha e de forma totalmente autónoma do lado Ocidental. Tais pretensões acabaram por ser tidas como não viáveis

naquele momento, o que fez com que as negociações com o COI não tivessem os efeitos desejados, o que impossibilitou em última análise o envio de atletas às Olimpíadas de Helsínquia, o que foi para todos os efeitos o ponto mais baixo da História do Desporto do país nos seus quase 50 anos de existência. [3]

Nesta fase a política internacional da República Federal Alemã começou a ser fortemente influenciada pela Doutrina de Hallstein que defendia que o país não se iria relacionar com qualquer Estado que reconhecesse a existência da RDA (com a excepção da União Soviética, que era uma das quatro potências que havia ocupado o território alemão no fim da 2ª Guerra Mundial), visto na altura ser a opinião que a República Federal era a única representante legítima da Alemanha enquanto nação soberana. [4] Esta doutrina foi aplicada duas vezes: em 1957 com a Jugoslávia e em 1963 com Cuba, visto ambos os países terem reconhecido a RDA como nação soberana. [4]

Esta política teve o efeito de manter a República Democrática isolada politicamente, nomeadamente no que concerne a diversos estados ocidentais de relevo e a alguns países menos desenvolvidos, mas com o avançar dos anos 60 esta política foi-se tornando de cada vez maior difícil aplicabilidade, tendo sido quebrada por mais do que uma ocasião: quando em 1957 a RDA abriu uma embaixada no Egipto, a RFA não retirou a sua representação diplomática do país; em 1967, aquando da Guerra dos seis dias (guerra Israelo-Árabe) o apoio da República Democrática aos estados árabes do Egipto, Jordânia e Síria, não teve efeito na política democrática do lado Ocidental da fronteira; em 1969 no Camboja tal também não se verificou, tendo inclusivamente reatado relações com a Roménia e a Jugoslávia, sob o pretexto de que estes países haviam sido forçados a reconhecer o país rival, não devendo ser penalizados por isso. No entanto, é curioso assinalar que durante este período o contacto desportivo entre as duas nações rivais nunca parou ao nível desportivo, tal situação revelou-se bastante frutífera, apesar das complicações daí inerentes.[4]

Após este fracasso, as negociações entre os dois lados da Alemanha nunca pararam completamente de forma a tentar encontrar uma solução satisfatória para ambos os

lados, e como consequência dessa boa vontade, em 1955 no Congresso do COI em Paris, a RDA acabou por ver ser aprovada uma moção que lhe permitia aderir de forma provisória à organização, com 27 votos a favor e 7 contra. [5] Tal situação seria imediatamente anulada caso os dois lados não enviassem uma delegação conjunta à próxima Olimpíada. Perante este cenário, foi inevitável um entendimento e em 1956 nas Olimpíadas de Cortina d'Ampezzo a delegação alemã conjunta foi constituída por 58 atletas da República Federal e 18 da República Democrática, o que levou o Presidente do Comité Olímpico Internacional (à altura Avery Brundage) a exclamar com orgulho que o seu órgão tinha contribuído para uma situação no campo desportivo que os políticos tinham tentado alcançar, mas falhado redondamente. [5] Em vez de um hino nacional, a equipa era representada pelo “Hino da Alegria”, parte da nona sinfonia de Beethoven. Em vez da bandeira de qualquer dos dois países, adoptou-se uma versão alternativa, com os cinco círculos da bandeira Olímpica no centro da bandeira preta, vermelha e amarela original da Alemanha.[2] Tal situação repetiu-se em 1960 (198 atletas ocidentais e 142 orientais) e em 1964 (182 atletas ocidentais e 194 orientais), o que exigiu um enorme esforço de conciliação de ambos os lados. Por exemplo, nas vésperas dos Jogos de 1964 (e já após o Muro de Berlim ter sido construído) houve mais de 1000 horas de discussão, 15 Conferências entre os diferentes Comitês Olímpicos nacionais e 96 encontros entre associações desportivas de ambos os lados.[2] Como em 1964 a Alemanha de Leste já detinha mais membros dentro da equipa conjunta, tornou-se claro que daí em diante já não aceitaria fazer parte dos Jogos como meramente uma parte de uma equipa conjunta alemã.

Como tal, a República Democrática Alemã começou a fazer campanha para ter direito a reconhecimento próprio, claramente alimentado pelos bons resultados que os seus atletas tinham alcançado nos últimos Jogos em que participaram como parte da equipa unificada. Como precedente foi fundamental o papel da IAAF (Associação Amadora Internacional de Atletismo) que consentiu que os dois países apresentassem equipas separadas nos Campeonatos da Europa da modalidade em 1966.[2] Como resultado desta corrente de eventos, o COI decidiu aceder às suas pretensões e aceitou o país como membro de pleno direito para os Jogos de 1968 na Cidade do México, indo claramente contra os interesses da Nato que via a manutenção da equipa conjunta como um bom ponto de equilíbrio que impedia a geração de uma consciência nacional forte

por parte da RDA, com a contrapartida de ter de manter o hino anteriormente adoptado, bem como a bandeira.[6] Como natural consequência desta decisão a República Federal conquistou a sua autonomia e passou a participar como entidade separada, mas nas mesmas condições que o seu vizinho. Ou seja, apenas nos jogos de 1972 (curiosamente em território da RFA, na cidade de Munique) é que os países puderam utilizar o seu hino e bandeira própria, o que acabou por ser visto como um grande gesto político, visto a RDA poder utilizar os seus símbolos nacionais livremente no território Ocidental.[6]

Com efeito, é de notar o peso da preparação para os ciclos Olímpicos dentro do regime do país, sendo toda ela fortemente condicionada pelo regime socialista, seja no que diz respeito à nutrição, regimes de treino, medicina desportiva, aspectos logísticos (viagens a realizar) e tudo era supervisionado por oficiais tidos como bastante leais ao sistema do partido do regime, aliados às associações desportivas, aos treinadores e aos líderes das diferentes organizações. Esta forma de agir tinha em vista a criação e o manter de fortes convicções políticas dentro do corpo de atletas a enviar, bem como avaliar devidamente as condições morais e o nível de maturidade política dos mesmos.[6] Mas não eram só os atletas a serem visados por este controlo restrito, estando até os árbitros enviados às competições sob avaliação permanente de forma que a imagem do país tivesse sempre salvaguardada, através de aulas constantes de educação política, estando apenas habilitados a deslocar-se ao estrangeiro aqueles que demonstrassem maior capacidade de defender o regime e os seus valores. Em última análise, o objectivo desta selecção não era levar o maior número de atletas a competições, mas sim só levar aqueles que estivessem em condições inequívocas de conseguir lutar pelos primeiros lugares e pôr o país na elite mundial (ou seja, nos seis primeiros lugares de cada competição a ser disputada).[6]

Apesar destes requisitos meramente físicos, a selecção de atletas não se limitava a filtrar aqueles com maior potencial atlético, mas sim aqueles com maior capacidade de adquirir na sua personalidade aquelas características pessoais tidas como as ideais num atleta completo. Se um determinado atleta demonstrasse menor capacidade de superação e espírito de sacrifício em prol da causa socialista estariam *a priori* em pior condição para poder representar o país, e isto era visto como algo corrigível através do processo

de educação a que os atletas eram permanentemente sujeitos, de forma a poderem ser vistos como um exemplo para a sociedade e servirem de exemplo para a população do país.[6] De facto, tanto assim era que na preparação para os Jogos de 1968 (Cortina D'Ampezzo, Olimpíada de Inverno) as autoridades criaram a convicção que os atletas só conseguiriam atingir os seus limites enquanto atletas se fossem convertidos ideologicamente.[6] A estratégia adoptada incidia em intensificar a politização na preparação dos atletas com vista à criação da personalidade socialista perfeita no espírito destes de forma a conseguir alcançar os melhores resultados possíveis com a massa humana disponível. Estariam sob principal vigilância aqueles que não fossem membros do Partido, de forma que ficasse a ideia de que o regime conseguia criar personalidades fortes, sem que estivesse atado necessariamente a uma filiação política, o que seria visto como um trunfo e uma prova de que toda a população (não só a elite política do regime) estava ao lado da causa socialista, e como tal todo o Estado era sustentado pela plenitude da população.[6]

Ao longo dos anos 60 o regime foi tentando aperfeiçoar o sistema, tendo sido estabelecido em 1965 um plano plurianual (com efeito até 1970) que visava a melhoria das formas de trabalho e o aperfeiçoamento e reestruturação efectiva das práticas vigentes até à data. Este plano deriva dos relatórios elaborados pelo governo após a realização da XX Olimpíada, realizada em Grenoble (1964), França. [6]

Neste contexto de tentativa de melhoramento do sistema, veio à tona as grandes dualidades presentes no regime nessa altura, estando os diferentes órgãos de controlo (*vide* capítulo 9) em conflito permanente acerca das responsabilidades de cada um, o que naturalmente servia de travão aos responsáveis políticos, de forma a poder instituir novas directrizes que levassem ao melhoramento do sistema.

As conclusões do estudo elaborado nessa altura eram alarmantes para o regime, na medida em que haviam chegado à ideia-base de que o país se encontrava bastante atrasado em relação às potências ditas “inimigas”, nomeadamente no que concerne à implementação de hábitos desportivos na população a partir de tenra idade. Neste

contexto, uma das directrizes a ser implementada no regime passariam por fomentar de forma massiva a prática desportiva na população a partir de tenra idade, de forma a superar este cenário. [6]

Estabelecida esta directriz, foi necessário ao regime criar sistemas de detecção de talentos, de forma que desde jovens os futuros atletas fossem guiados a atingir todo o seu potencial de maneira a que estes quando chegassem à idade adulta pudessem estar em condições de lutar de igual para igual com qualquer rival, especialmente no que concernia a disciplinas incluídas no programa Olímpico. Em última análise este plano era sustentado pela tese de que as vitórias obtidas serviriam a causa socialista e trariam uma vantagem sob a República Federal Alemã, estando (no ponto de vista dos responsáveis pelo regime) o país com melhor programa desportivo jovem destinado a conquistar o maior número de medalhas a nível Olímpico. [6]

Para defender este projecto as autoridades defendiam que a prática desportiva (e consequente doutrinação política) teria efeitos positivos na consciência colectiva da Nação, visto que as crianças eram desde cedo moldadas pela educação política e ideológica, e as virtudes do sistema que iriam representar, estando aptas para defender o país com honra aquando de visitas ao estrangeiro.

A implementação deste programa de desenvolvimento massivo de atletas começou a ser feita nos anos 60, e tinha como propósito derradeiro fazer com que o país se tornasse uma potência a nível mundial no campo do Desporto, sendo o plano a médio prazo (para o início da década de 70) conseguir fazer frente à Alemanha Federal em termos atléticos. Os Jogos de 1972 em Munique eram vistos como a oportunidade derradeira de deixar uma marca em termos políticos, provando assim a superioridade do regime Socialista face ao modelo Capitalista e conseguindo fazer com que o país atingisse uma posição de destaque a nível global.[6] Como os países ocidentais possuíam maior capacidade financeira, a RDA viu-se obrigada a dedicar toda a sua atenção ao seu sistema de captação e desenvolvimento de talentos, muito devido também à escassez de recursos humanos face aos seus rivais. Como tal, as escolas que visavam o cumprimento do plano teriam de estar repletas de forma a levar ao limite o potencial para o sucesso

do sistema, sendo todos os esforços concentrados dentro da sociedade socialista com vista à concretização do propósito de elevar o país aos níveis de excelência atlética tidos como necessários para que o propósito derradeiro fosse alcançado devidamente, e que o atraso antes revelado nos estudos fosse ultrapassado da forma mais rápida possível.

Como tal, a prática desportiva não se podia cingir apenas às escolas tradicionais, mas também às escolas vocacionais, de forma que o campo de recrutamento fosse o mais amplo possível, estando a isto associada uma melhoria considerável no ensino de metodologias e de ciências desportivas para que o nível dos treinadores e outro pessoal ligado ao Desporto pudesse acompanhar a melhoria das capacidades motoras e atléticas das crianças. Com vista a que este objectivo fosse alcançado, o Secretário de Estado Walter Ulbricht enviou uma equipa de especialistas aos Estados Unidos com a vista a que esta pudesse estudar o sistema desportivo e as práticas no Desporto jovem daquele país, desde as idades mais jovens até ao nível universitário, tendo chegado a conclusões bastante interessantes, como o facto de os atletas estudantes americanos serem bastante menos testados a nível académico, o que deixava mais tempo para poderem treinar, ideia essa que foi vista com agrado pelos responsáveis deste estudo e que poderia ser facilmente adoptada dentro da RDA. Outro ponto que se veio a revelar fundamental nas decisões políticas do regime no que concerne ao desporto foi o facto de no estudo ter sido apontado uma lacuna do sistema americano no que concerne ao fomento e apoio ao sistema feminino nas diferentes modalidades, o que sem dúvida abria uma janela de oportunidade para as atletas da Alemanha de Leste poderem brilhar. [6]

Esta mudança de paradigma tinha efeitos na própria formação mental do atleta, na medida em que os responsáveis desportivos da altura perceberam que a melhor forma de perceber o potencial dos atletas era através de um rígido controlo em competição, através do qual se podia medir com maior facilidade a evolução dos atletas. Através desta forma de agir, era mais fácil compreender quais os atletas com maior potencial para vir a ter sucesso, sendo constante do plano a diferenciação de acordo com as capacidades de cada atleta, estando apenas as condições de topo ao alcance daqueles (que no entender do regime) reuniam maiores condições de sucesso, seja pelo potencial atlético, seja pela sua personalidade (mais próxima do ideal socialista).

Com vista à melhor concretização destes objectivos, foi realizado um investimento bastante acentuado no que concerne à formação destes atletas, tendo entre 1970 e 1973 o investimento em desporto passado de 5 milhões de marcos para mais de 15 milhões. [6]

Referências bibliográficas:

[1] Buhs A., Charles (2012) “International Politics & the Modern Olympic Movement”

[2] Carr, G. A. "The Involvement of Politics the Sporting Relationships of East and West Germany, 1945-1972", Taylor & Francis, UK.

[3] Sunon H., "Beitrage des DDR-Sports zum internationalenAnsehen der DDR zwischen 1959 und 1970," WissenschaftUcheZeitschrift d. DHfK. 31, no. 1, (1990): 26-7.Página 13

[4] Kirchhofer, K. A. (1974) “The Hallstein Doctrine”, University of Delaware, USA

[5] Guttmann, A. (1984). “The Games Must Go On: Avery Brundage and the Olympic Movement”, Columbia University Press, USA.

[6] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”

5. Os Jogos de Munique 1972 e a aparição de uma 3ª potência Olímpica

Nos jogos de 1972 uma nova realidade emerge, a Alemanha surge separada, com a apresentação de uma equipa da República Federal e outra da República Democrática, o que vai mudar o paradigma da convivência entre os dois lados da fronteira. Num momento bastante único da liderança de Willy Brandt na RFA, em que está em pleno efeito a política de “rapprochement”, ou seja, de aproximação ao bloco de leste acabam por ser os Jogos de Munique a realizar-se esse ano uma oportunidade soberana para consubstanciar essa política e confirmar a nova atitude face ao lado de lá do Muro de Berlim. [1] Como exemplo da nova política de abertura nada como mencionar que a RFA convidou a URSS para realizar a partida de inauguração do novo estádio Olímpico de Munique que acolheu os Jogos de 1972, o que à altura foi visto como nada menos que um gesto bastante claro de aproximação entre as duas nações. [2] Não é no entanto legítimo afirmar que o caminho foi fácil para o líder Federal, na medida em que em Abril desse ano houve um voto de confiança no *Bundestag* (parlamento alemão), que por pouco foi superado.[1] Dentro da República Federal a política de aproximação ao bloco de Leste, conhecida por Ostpolitik tinha bastantes cépticos, especialmente dentro da oposição democrata-cristã, e gestos como a primeira visita oficial de um chefe de Estado da RFA à República Democrática em 1970 foi fortemente condenada pela oposição, bem como pelos Estados Unidos, que viam nesta tentativa de ligação com o outro lado do Muro uma tentativa de unir o povo Alemão, pretensão essa condenada pela Administração em Washington.[3] Nessa mesma viagem Brandt abriu os horizontes políticos do país, visitando países como a União Soviética e a Polónia, com grande sucesso.[1] Este dirigente tinha conseguido algo quase único, agradar aos dois lados da barricada: por um lado os EUA apreciavam o seu estilo frontal e consistente; por outro lado os Soviéticos e os comunistas em geral viam em ele o combatente contra o Nazismo, o que era algo bastante relevante para estes. Como exemplo disto, na sua visita à Polónia e ao Guetto Judeu de Varsóvia Brandt não conseguiu controlar as suas emoções ajoelhando-se perante o monumento erguido para homenagear as vítimas do conflito, como que pedindo perdão a estas.[2]

Neste contexto, e consciente desde cedo da importância que este momento tinha para o seu aliado, a União Soviética delegou na RDA a responsabilidade da preparação para os Jogos dos países do Pacto de Varsóvia (aliados da URSS).[1] Com efeito, tal cenário era apenas a confirmação da relevância dada a este evento, que no contexto da Ostpolitik (política de aproximação da RFA à União Soviética com vista à normalização das relações entre ambos, após os anos de afastamento durante da vigência da Doutrina de Hallstein, no qual a tensão entre as duas nações era latente) ganhava um peso político significativo, e de certa forma era visto como uma oportunidade única de mostrar o seu poderio, seja em termos atléticos como também a nível político (superioridade de um sistema comunista sobre um capitalista), teoria esta que havia começado a circular desde meados dos anos 50.[1] Acabou por ocorrer no entanto um evento que manchou (e talvez pôs em segundo plano) os resultados obtidos pela RDA nestes Jogos. No dia 5 de Setembro de 1972, terroristas Palestinos invadiram a Aldeia Olímpica com o objectivo de fazer reféns atletas Israelitas.[4] Tal situação gerou uma onda de choque, e foi claramente o acontecimento que definiu aqueles Jogos, pela tragédia que se seguiu à tentativa de fuga dos terroristas: encurralados pelas forças de segurança alemã, no qual resultaram a morte de quatro dos reféns.[4] Tal situação provocou ondas de choque na comunidade Internacional, tendo-se levantado inclusivamente a hipótese de cancelar os jogos. Tal situação acabou por não se verificar, apesar de (pela primeira vez na história dos Jogos) ter havido uma suspensão temporária do certame de forma a poder homenagear os atletas vitimados pelo incidente. A comoção foi tanta que um dos familiares presentes na cerimónia acabou por ser vítima de um ataque cardíaco e veio a falecer.

Eventualmente os jogos acabaram por recomeçar após Avery Brundage (Presidente do Comité Olímpico Internacional à data) considerar que o melhor para os Jogos seria continuar, de forma a honrar a memória dos falecidos e a conseguir reforçar os intentos de manter os Jogos “limpos, puros e honestos”. [5] Com efeito, o medo de represálias não se findou com o recomeçar do evento, e Mark Spitz , nadador norte-americano (que já havia completado as suas provas aquando dos ataques) abandonou Munique após os ataques, visto temer ser alvo de um rapto pelo facto de ser um judeu que havia alcançado uma notoriedade mundial com os resultados obtidos no certame (primeiro atleta da História a alcançar sete medalhas de ouro nos mesmos Jogos). A juntar a este

facto é também de mencionar o abandono da comitiva do Egipto no dia 7 de Setembro, temendo represálias, bem como as comitivas da Argélia e das Filipinas, às quais se juntaram alguns atletas holandeses e noruegueses.[6]

Os jogos seguiram, mas em eventos como o jogo de futebol entre a República Federal Alemã e a Hungria houve manifestações populares de desagrado, tendo sido levantado um enorme pano em que se dizia “17 mortos, será que já foram esquecidos?”. Para além disto muitos atletas manifestaram o seu desagrado face à solução encontrada, sentindo estes que o sentido dos Jogos se tinha perdido e tinham deixado de ter motivação para competir.[7]

Neste cenário muito particular, os Jogos tiveram características muito próprias, estando o regime da RDA bastante atento a qualquer desvio ideológico dentro da sua comitiva. Neste contexto, a esfera de influência do Estado alastrou-se a praticamente todas as componentes da vida dos atletas, já que o propósito derradeiro era demonstrar através dos resultados obtidos (o propósito nesta Olimpíada em particular era conseguir ficar em terceiro lugar em número de medalhas, e acima de tudo superar a República Federal) o elevado grau de consciência patriótica e socialista dos atletas representados na competição. Aliás, o nível de apoio concedido aos atletas era justificado pela necessidade de respeitar os princípios socialistas da busca da perfeição humana e pelo desenvolvimento das capacidades humanas e pessoais da população, sendo apenas mais um dos veículos (o Desporto) dos elementos na busca de uma sociedade ideal, seguindo os vectores fundamentais da busca da felicidade e da superação constante e permanente.[2]

Apesar dos evidentes objectivos desportivos, os Jogos tinham de servir politicamente o regime, tendo este optado pela via do isolacionismo para melhor proteger o regime de qualquer ameaça Imperialista, e tal forma de acção começou a ser concebida ainda antes do início das provas em si: quando se planeou o percurso da tocha Olímpica, foi impedido pelo Bloco de Leste (sob mando da União Soviética) que ela passasse por países do Bloco, com o objectivo derradeiro de diabolizar os países Ocidentais, tentando

através deste gesto fomentar uma atitude anti-Soviética nos países para cá do Muro de Berlim.[2] Este tipo de gestos tentava fazer passar a ideia de que a Alemanha Federal era um inimigo e que como tal tinha de ser combatido, neste caso pela via atlética. Este desejo era acima de tudo fomentado pela necessidade vital de reconhecimento aos olhos do Mundo, e tal teria de ser alcançado através da obtenção de resultados nas pistas de forma a tentar glorificar a imagem do país e criar uma imagem de superioridade, especialmente sendo os Jogos realizados em casa do seu maior rival. Este desejo tinha maior sentido de existir, já que em 1968 a República Federal tinha passado a ser obrigado pelo Comité Olímpico Internacional a içar a Bandeira da RDA em caso de vitória de um atleta do país e a tocar o hino e saudar a bandeira como se de outra qualquer se tratasse.[2]

Neste contexto, era fundamental conseguir apresentar a República Democrática como um país dos trabalhadores, sendo o legítimo representante da Nação e a melhor forma possível de representar os interesses da Nação Alemã, sendo os atletas mais do que simples parte de uma comitiva, mas seriam vistos como os humanistas que iriam servir o seu país como derradeira prova de um ideal socialista de forma leal e honrada.[2] Por outro lado, os representantes da República Federal seriam vistos como um mero fantoche americano e como tal sem qualquer tipo de legitimidade para se proclamarem defensores de um verdadeiro Estado Alemão.

Dentro do cenário Olímpico de Munique os responsáveis da RDA programaram uma série de acções com vista a obter por parte da comunidade internacional alguma aceitação. Entre estas destacavam-se a exibição de um filme na Aldeia Olímpica com cerca de 35 minutos no qual eram apresentadas todas as belezas naturais da RDA.[2] Ao mesmo tempo, de forma a impedir que a beleza do local pudesse minar a integridade dos seus atletas, foi eliminada qualquer possibilidade dos atletas do país pudessem explorar a cidade, sendo apenas organizada uma visita de grupo aos campos de concentração de Dachau (esta visão não era partilhada por todos os membros do Partido, tendo inclusive o Secretário do Partido Walter Ulbricht sugerido que uma abordagem tão restritiva seria contra produtiva na medida em que os atletas seleccionados estariam devidamente preparados para agir como atletas Socialistas na plenitude do

termo). [2] Entre as atitudes tomadas estariam também a atribuição de recompensas para os vencedores de medalhas olímpicas, entre as quais se incluíam a atribuição de viagens de férias a Cuba, nos quais os atletas seriam acompanhados pelos seus companheiros de vida, o que era visto como uma compensação para todas as privações passadas na preparação para o evento, bem como a impossibilidade de assistir aos Jogos de forma a impedir possíveis defecções.[2]

No entanto, algo muito relevante nas mentes dos membros do regime era a previsível reacção do público em geral (dentro das fronteiras da RDA) face ao desenrolar dos Jogos. O que deixou o aparelho mais perplexo foi o facto de haver uma atitude positiva face aos atletas das duas Alemanhas, havendo a firme convicção de que os atletas de ambas serem os mais apoiados (de forma praticamente igual) pela população, o que ia contra os planos de diabolização do rival e conseqüente maior grau de doutrinação da população no apoio à causa Socialista.[8] Isto foi visto com grande frustração pelos membros do Partido, na medida em que nos anos anteriores se tinha lutado para criar na sociedade uma visão que consistia na depreciação do modelo Ocidental de sociedade e conseqüente glória da sociedade Socialista, como contraponto de uma sociedade capitalista que meramente utilizava o Desporto como forma de comercialização maciça em vez de meramente o ver como forma de excelência humana. Tal ponto era bastante enfatizado, sendo que na visão destes, os Jogos eram uma forma de manipulação que visava a aceitação do Imperialismo como a forma mais correcta de ver o mundo, fazendo com a juventude da época se tornasse menos consciente da realidade e mais sujeita a aceitar como a única forma de estar em sociedade.[2]

Tornava-se assim fundamental neste contexto apresentar um bloco de países extremamente sólido e coeso que defendesse a causa socialista, situação tal que estava bastante perigada pela actuação soviética aquando da invasão à Checoslováquia em 1968.[2] Com vista a assegurar esta unidade foram realizados encontros entre os diferentes membros dos Comités Centrais do bloco, nomeadamente em 1971.[2] Neste encontro procurou-se um entendimento entre as diferentes partes, o que acabou por resultar numa maior colaboração com as autoridades Soviéticas da época. Entre as iniciativas propostas destacava-se a distribuição de panfletos que visavam denegrir o

Ocidente e enaltecer as qualidades do sistema comunista de sociedade.[2] O contacto entre os países foi extenso, tendo havido só em 1970 oito momentos de intercâmbio de atletas, especialistas na área do Desporto e cientistas.[2] Tal actividade tinha em vista aumentar as hipóteses de sucesso nos Jogos em diversas disciplinas Olímpicas, sem que isso implicasse ao mesmo uma total abertura ao sistema desportivo da RDA (e os seus segredos não revelados). Dentro do regime foi sempre adoptada uma postura de extrema prudência de forma que até as visitas dos responsáveis soviéticos fossem extremamente condicionadas com vista a um controlo rígido da informação disponibilizada a estes.[2] Apesar de tudo a ideia de comunhão de ideias foi mesmo avante, tendo os atletas da República Democrática usufruído inúmeras vezes de instalações em países do bloco, como no caso da Bulgária, país no qual foram realizados inúmeros estágios de preparação. Com efeito, a ideia de contrapor a forma ocidental de ver o Desporto foi mesmo avante, tendo sido criado um grupo de trabalho interdisciplinar com vista a melhor conseguir lutar contra a propaganda ocidental (quer antes, quer depois da realização dos Jogos).[9] No entender do bloco soviético estava em curso por parte das autoridades ocidentais uma tentativa de branqueamento da História, estando a realização dos Jogos em Munique no centro desse plano. Este plano teria como propósito derradeiro a glorificação da sociedade capitalista e “o imperialismo da Alemanha Ocidental”, as suas ideias chauvinistas, vingativas e anti-comunistas através da deturpação de dados históricos promovendo assim a implementação de uma ideologia nas camadas jovens da população. Com vista a tentar combater essa situação, Walter Ulbricht ordenou que a educação política fosse reforçada com efeitos imediatos em todos os níveis de educação dentro do Estado.[10]



Figura 12: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de 1972, realizados em Munique, Alemanha.

Fonte: visualphotos.com

Com efeito, durante a realização dos Jogos Olímpicos de 1972 em Munique, o regime esteve extremamente activo dentro da sua própria porta, de forma a garantir que a imagem enviada pelo rival fosse negativa. Para alcançar essa pretensão foi fortemente vincado o facto de esta cidade ser o berço do Nacional-Socialismo durante os anos 30, minando assim qualquer ideia de *glamour* e fascínio que a cidade pudesse exercer sobre a população, expondo assim de forma total o papel do evento no contexto da Guerra Fria.[11] Ao mesmo tempo, a juventude teria de ser entretida de alguma forma durante a realização dos Jogos. Para este efeito foram, durante este período, organizado um festival cultural de dimensão assinalável, para além de outros eventos de cariz cultural.[12]

Ao contrário do seu rival de leste, a Alemanha Ocidental não se preocupou tanto em tentar denegrir a imagem do rival. Acima de tudo, esta era uma oportunidade única (num contexto histórico bastante específico) de dar ao mundo uma boa e nova imagem da Alemanha, como uma nação livre, alegre e pacífica.[11] Naturalmente na cabeça dos alemães estavam ainda vivos os ressentimentos decorrentes da Segunda Guerra Mundial, e esta era o momento para tentar apagar esses ressentimentos, criando com os países estrangeiros laços de amizade duradouros e permanentes. Desde os anos 60, e na

antecâmara dos Jogos foi aumentado o nível de investimento no Desporto, alimentado pela ideia de que o facto de, pelo país ser o organizador, aumentava o nível de responsabilidade em termos de resultados expectáveis para o país.[12] Assim, o financiamento público para as instituições desportivas aumentou de forma significativa, sem que no entanto (ao contrário do lado de lá do Muro) isso tivesse implicado um incremento de poder nas tomadas de decisão ao nível do patrocínio em desportos tidos como de Alta Competição. Ao mesmo tempo, era já notório no lado Ocidental da fronteira um grau latente de admiração pelas práticas da RDA ao nível da concepção e organização desportiva, tendo o modelo de detecção precoce de talentos praticado no lado de leste servido de inspiração para as futuras práticas de recrutamento no Ocidente, tendo inclusive sido organizadas provas de selecção e detecção de talentos a partir de meados dos anos 70 que de certa forma copiavam o modelo seguido pelo seu grande rival.[13] Na mesma linha seguiu-se a criação de um instituto de pesquisa para as práticas no Desporto que teria certamente um papel determinante na evolução das técnicas de treino dos atletas (muito também à imagem das práticas seguidas pela RDA). [11] Apesar desta tentativa de aproximação as diferenças sempre se mantiveram, na medida em que numa sociedade pluralista como a da RFA era impossível atingir um nível de controlo do sistema desportivo como no caso da RDA, em que o Estado aglutinava para si todas as responsabilidades da organização e da vertente conceptual do regime. Mesmo assim, o investimento foi notório no país.

Por outro lado, no lado de Leste, as preocupações das elites do regime incidiam na vertente política do evento, no controlo da imprensa e na própria imagem que seria transmitida pelo país ao exterior.[14] No entanto, o elemento fundamental de concentração teria de ser na preparação dos atletas que iriam competir no certame. Com efeito, o foco da preparação teria de ser centrado em disciplinas no qual o país teria fortes possibilidades de obter medalhas. De forma a melhor poder demonstrar a força do regime, todos os elementos associados à prática desportiva (seja políticos, treinadores, desportistas) deveriam estar fortemente consciencializados para a importância do seu desempenho para o fortalecimento do regime, e as práticas científicas estariam sempre lado a lado com as conquistas desportivas, sendo aplicados na prática. Neste contexto o apoio mais sistemático seria oferecido a atletas emergentes que num futuro próximo deveriam ser capazes de elevar o nome do país a nível internacional. A partir de 1966 ocorre a grande transformação no sistema desportivo do país, com a obtenção de

resultados extremamente relevantes no Campeonato da Europa de Atletismo, realizado na capital Húngara, Budapeste.[15] Para além desta disciplina desportiva, começaram a ser notadas grandes evoluções noutros desportos como a ginástica, e competições de equipa como o remo, o Voleibol e competições de ginástica (mas na vertente de equipas).[15] Apesar desta evolução notória as autoridades continuaram a demonstrar uma grande preocupação pelo facto de os atletas (no entender destas) não revelarem ainda grande dedicação à causa socialista, que era tida como um falhanço claro do sistema educativo do país, e vinha expor acima de tudo as grandes lacunas em termos de assimilação de valores políticos necessários à obtenção de um atleta completo socialista (ou seja, não só deveria ter sido em conta as capacidades físicas dos atletas, mas também o nível de doutrinação e devoção à causa).[16] Apesar de tudo, os sinais eram positivos, na medida em que o número de atletas e treinadores empenhados em causas políticas (seja como activistas, seja como membros efectivos do Partido Socialista) estava a subir, o que não deixava de ser um sinal de que as políticas de educação seguidas no Estado estavam a surtir efeito, por muito que a evolução dos números ainda não fosse a pretendida.[16] Tal facto era muito possivelmente explicado pelo facto de a adesão a associações como esta poder levar a regalias, tais como a obtenção de melhores empregos dentro do sistema, associado a um suposto maior nível de identificação com a causa que o Estado defendia como fulcral para todos os cidadãos ditos responsáveis e em sintonia com os valores que deveriam ser praticados por todas as pessoas ligadas ao regime Socialista.

Associado a este incentivo para maior nível de assimilação de teorias ideológicas conotadas com o regime, os atletas passaram a ter um sistema de treino bastante mais metodológico e intensivo, sendo prática corrente a massificação da preparação ao longo de todo o ano, complementado com estágios em altitude (normalmente realizados nas montanhas da Bulgária).[17] No entanto, chegados a 1972, as evoluções tecnológicas permitiram evitar estas deslocações, na medida em que através do uso de câmaras de alta pressão, era conseguido o mesmo efeito obtido em altitudes elevadas.[17] De salientar que tais instalações tinham sido criadas antes de mais para uso militar, e simulavam as condições atmosféricas que se podem encontrar a uma altitude de 4000 metros acima do nível do mar.[17] Esta nova tecnologia teve um efeito extraordinário na performance dos atletas, e por exemplo Peter Frenkel conseguiu nos Jogos de 1972

uma medalha de ouro na disciplina de marcha depois de na véspera ter-se submetido a uma sessão dentro destes aparelhos.[17] Na altura, havia sido criado todo um departamento de pesquisa com vista à evolução tecnológica dentro da área do Desporto e a optimização de recursos, o Instituto de Pesquisa para a Cultura Física e Desporto (o FKS), dedicado às ciências do Desporto, bem como à medicina desportiva. As teorias em que se baseavam os cientistas derivavam do modelo Soviético aplicado ao desporto. Tendo origem nesse ponto de partida, ao longo do tempo os níveis de sofisticação do modelo foram aumentando, tendo sido implementado (com o tempo e com a experimentação) um modelo próprio, e totalmente autónomo. Neste sistema, os atletas eram colocados sob estrita vigilância alimentar, estando sujeitos a dietas específicas, e talhadas de forma a procurar obter o máximo rendimento possível. Ao mesmo tempo, o uso de instrumentos que permitiam verificar erros biomecânicos na prática das modalidades foi-se tornando cada vez uma prática comum. Por outro lado, a necessidade de equipamento de treino ao nível do peso foi-se tornando um dado evidente, dadas as lacunas detectadas nos atletas, havendo assim uma necessidade crescente para um treino mais individualizado com enfoque mais particular neste aspecto.[17]

Como neste sistema científico era dada muita relevância à biomecânica, esta acabou por ser utilizada de formas exacerbada em diferentes ramos do Desporto de forma a aumentar os níveis de excelência dos diferentes atletas.[17] Em modalidades como as que envolviam lançamentos, a mecânica dos movimentos ditava muito dos resultados obtidos, e até ao início dos anos 70, os atletas da RDA nessas disciplinas apresentavam lacunas graves (como por exemplo nos casos do lançamento do peso feminino, e do disco em masculinos), o que condicionava em muito a sua performance. O mesmo se passava na Natação, em que no momento das viragens no final da piscina os atletas tinham problemas técnicos.[17] Este tipo de problemas não era só de natureza técnica no entender dos responsáveis da altura, já que numa carta enviada por Hellman (líder do SED) a Hoenecker, datada de 1971 se denunciava a atitude negligente e muitas vezes a falta de espírito de conquista dos atletas, ao mesmo tempo que subestimavam os seus rivais mais poderosos. Tais factores eram tidos à data como preponderantes para a ausência de melhores resultados nestas disciplinas em concreto.[18]

Este problema de abordagem no que concerne ao desporto tinha no entender de muitos agentes políticos um problema de base associado na vertente filosófica da questão. Por exemplo, para Helmut Digel, presidente da Federação de Atletismo e Vice-Presidente do Comité Olímpico da RDA o problema era mais profundo e não dizia só respeito às capacidades atléticas dos competidores: “a sociedade da RDA está embutida de um espírito e de uma visão socialista da humanidade.[19] Nesta visão em concreto, o papel da maleabilidade tecnológica da humanidade ganhou particular relevância. No Socialismo da República Democrática Alemã, o modelo da máquina aplicado à maior eficiência da raça humano ganha particular relevo e gera um fascínio bastante evidente. É por esta razão que em todo o sistema desportivo do país existiam diversas formas de aplicação da ciência, seja ao nível do controle de treino, de diagnóstico de performance, e da possível optimização da mesma. Não era apenas no desporto que a humanidade deveria agir como uma máquina. Todas as “máquinas” deveriam ter como propósito derradeiro a criação de uma sociedade sem classes. Para atingir este fim todos os meios eram justificados.[20]

Apesar desta concepção de sistema demasiado rígida, e talvez demasiado mecanizada a realidade é que os atletas (na sua maioria) apreciavam os métodos e a atenção ao detalhe que era posto nos regimes de treino intensivos praticados à data. Na realidade, os resultados acabaram por falar por si, na medida em que nos Jogos de Munique de 1972 a República Democrática Alemã obteve um espectacular terceiro lugar no número de medalhas, só superada pelos Estados Unidos da América e pela União Soviética, conquistando um total de 66 medalhas de ouro (em contraste com as apenas 40 conquistadas pela República Federal Alemã). [11]

Para confirmar esta impressão os Jogos Olímpicos de Inverno realizados em Sapporo, Japão foram altamente produtivos para o país do Bloco de Leste. Neste evento em concreto a RDA conseguiu o segundo lugar em total de medalhas, contrastando com o quinto lugar alcançado pelos Estados Unidos da América e o sexto da República Federal Alemã.[21] Estes dados só vieram incendiar ainda mais o clima de tensão entre os dois

lados das fronteiras teutónicas, especialmente considerando as diferenças entre as populações dos dois países. Para confirmar os ensejos mais profundos dos líderes políticos da RDA, uma sondagem realizada no ano dos Jogos de Munique (1972) dizia que 54% da população entrevistada (na RFA) concordava que o sucesso da RDA no certame era revelador de um sistema social que era base condutora dos resultados obtidos, ou seja, detinha méritos naquilo que se tinha passado na arena Olímpica.[22] Nesta altura era certamente convicção dos responsáveis políticos da Alemanha de Leste que a guerra contra o seu rival estava a ser vencida em várias frentes: número de medalhas conquistadas, superação do nível atlético em várias disciplinas e elevação da opinião a nível global do sistema político da sociedade socialista vigente no país à data. Um dado ainda surpreendente revelado na mesma sondagem dizia que 66% da população da Alemanha Federal (ou seja, uma maioria qualificada) não se opunha ao uso de símbolos estatais da RDA nos Jogos. No entanto, só uma pequena minoria (6 por cento) pensava que o sucesso da RDA face à República Federal validava a mensagem de que o sistema socialista era superior ideologicamente face à Democracia Capitalista em vigor no lado Ocidental do Muro de Berlim.[3]

Os resultados desta sondagem eram partilhados pela visão do Chanceler à data, Willy Brandt, que afirmava sem pejo que qualquer vitória obtida no desporto por qualquer atleta alemão, seja ele da República Federal ou da República Democrática, era acima de tudo uma vitória e um orgulho para a nação alemã, seja de que lado do Muro se estivesse. [23] Para além do mais, por muitas vitórias que fossem obtidas, a visão do regime comunista não se tinha alterado radicalmente, não tendo surtido o efeito desejado pelos responsáveis políticos da República Democrática. Como é natural, este tipo de mensagem tinha o condão de frustrar grandemente os responsáveis políticos de leste que viam assim os seus intentos gorados por esta tentativa de aproximação.[1] Apesar destes dados, o triunfo dos países do Bloco de Leste nas Olimpíadas de Inverno de Sapporo foi particularmente celebrado, por ser (no entender de Bernhard Orzechowski, vice presidente da DTSB à data) a prova inequívoca de que a luta de classes já estaria em marcha, e que estes resultados teriam um efeito catalisador sobre a mesma, acelerando e muito o processo revolucionário.[24] Sendo assim, as vitórias da RDA no campo desportivo teriam um efeito dual, ou seja, ao mesmo tempo que eram alcançados feitos atléticos, o prestígio do país a nível internacional saía reforçado, e o

seu sistema socialista era assim validado. O facto de a União Soviética ter ficado em primeiro lugar em número de medalhas, tanto na Olimpíada de Verão como na de Inverno parecia sustentar a tese de que a RDA estava a trilhar o rumo certo ao sucesso.[25] O lema de que a prática do desporto não se devia cingir a isso, sem qualquer tipo de objectivo estava bem estabelecido, estando todos os desportos ligados à política e à doutrina oficial do regime. Em grande medida, a prática desportiva deveria ser parte integrante de uma educação rumo ao objectivo derradeiro de alcançar a personalidade socialista ideal, e assim ser um bom comunista e cidadão, sempre pronto a trabalhar e a defender a Pátria. Este lema era claramente uma ideia Soviética que foi devidamente apropriada pelas autoridades da República Democrática Alemã.[26] Outra das formas de praticar desporto que foi copiada foi a existência de clubes desportivos de elite, no qual ao prestígio estavam associados laços políticos extremamente fortes, sendo que estes clubes estavam normalmente estritamente associados a um ramo específico do Estado.[26] Com o propósito de massificação da prática desportiva na totalidade da população foram fomentados festivais de cariz diverso que visavam o aumento substancial do número de praticantes de actividades lúdicas no país à data.

Após os Jogos de Munique, a RDA percebeu que a melhor forma de combater o “Imperialismo Ocidental” seria criar um bloco de nações igualmente poderoso a Leste.[27] Como consequência desta abordagem, intensificaram-se bastante os contactos de cariz desportivo entre as diferentes nações que faziam parte do Pacto de Varsóvia. No entanto, apesar desta aproximação, o regime da Alemanha de Leste manteve sempre uma atitude extremamente fechada e prudente face aos estrangeiros que iam visitar o seu país. A lógica de que entre amigos nunca há segredos não era aqui manifestamente posta em prática, sendo bastantes as reservas impostas às visitas realizadas a território alemão, estando condicionado o acesso até a escolas que tinham sido criadas baseadas no modelo desportivo da União Soviética.[28] Apesar desta desconfiança é de salientar que nos meados dos anos 70 o contacto desportivo entre as diversas nações do Bloco aumentou substancialmente, sendo alimentado pela crença anti-Imperialista que alimentava o poder nestes Estados. Esta aproximação tinha o condão de também serenar um pouco as autoridades da Alemanha de Leste, pois assim estaria mais salvaguardada contra qualquer tipo de política que a Alemanha adoptasse que pudesse levar ao isolamento internacional da parte Leste da nação Teutónica.

Para todos os efeitos, os relatórios da DTSB fazem crer que o processo de preparação para os Jogos de Montreal (Verão) e de Innsbruck (Inverno), a realizar em 1976 foi bastante semelhantes ao verificado no período Olímpico anterior (1968-1972), tendo sido dada especial atenção aos estilos de vida adoptados pelos atletas seleccionáveis, tendo sido tentado implementar o mais possível formas de treino baseadas em modelos científicos.[29] Tal como na preparação para os Jogos de Munique, as diferentes federações estabeleceram objectivos bastante específicos para cada atleta, devidamente compatibilizáveis com o seu potencial intrínseco, tendo sido estabelecido um plano de treino individual para toda e qualquer disciplina no qual o país estivesse representado.[29] No caso de a performance dos atletas não estar à altura dos diferentes objectivos traçados *a priori*, os responsáveis pela Federação de que o atleta fazia parte eram imediatamente convocados para responder perante responsáveis superiores de forma a tentarem explicar o fracasso ocorrido na competição. Em casos concretos, como em Dresden, isto levou à necessidade de uma clarificação ideológica de forma a se perceber quais os propósitos derradeiros dos atletas em competição. Assim, era de igual forma relevante a preparação político-ideológica dos atletas, isto comparando com a preparação física (níveis de treino atlético).[29] Dito isto, era de vital importância que os atletas que fossem convocados para as grandes competições nutrissem um ódio visceral contra a Alemanha Federal e a sua política Imperialista. Esta visão do mundo e esta convicção política faria com que os atletas se superassem com mais facilidade na altura das competições e conseguissem arriscar mais, de forma a conseguir vencer o seu grande rival ideológico, fosse por que meios fossem. Não só os atletas deveriam ter este nível de politização intrínseca, já que todo o *staff* enviado às competições deveria estar em harmonia no que concerne às convicções ideológicas subjacente à performance atlética. Esta uniformidade de pensamento era vista como fundamental para credibilizar o sistema, já que a imagem do país sairia certamente reforçada se a unidade de pensamentos fosse clara e inequívoca.

Referências Bibliográficas:

- [1] Whetten, L. L. (1971) “Germany's Ostpolitik: Relations Between the Federal Republic and the Warsaw Pact Countries”, Oxford University Press, UK.
- [2] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”
- [3] Winkler, H. A. “Germany: 1933-1990”, Oxford University Press, UK.
- [4] Reeve, S. (2011) “One Day in September: The Full Story of the 1972 Munich Olympics Massacre and the Israeli Revenge Operation "Wrath of God”, Arcade Publishing, USA.
- [5] Guttman, A. (1984). “The Games Must Go On: Avery Brundage and the Olympic Movement”
- [6] Site <http://www.guardian.co.uk/world/1972/sep/07/germany.fromthearchive>, última vez consultado a 01/04/2013
- [7] Time Magazine de 6 de Agosto de 2002, parte 6
- [8] Stolarik, M. (2010) “The Prague Spring and the Warsaw Pact Invasion of Czechoslovakia, 1968: Forty Years Later”, Bolchazy-Carducci Publishers, USA
- [9] Nationalrat: Sektor Information, "Kurzinformation über Stimmung und Meinungen der Bürger zu aktuell-politischen Ereignissen," Berlin, Aug. 31, 1972, DY30rV 2/2.106 20, SAPMO at Zehgeschichte für Sport, Potsdam University, 1.
- [10] Schiller, K. e Young, C. (2010) “The 1972 Munich Olympics and the making of modern Germany”, University of California Press, USA.
- [11] Beamish, R. e Ritchie, I. (2006) “Fastest, Highest, Strongest: A Critique of High-Performance Sport”, Routledge, USA.
- [12] Schiller, K. e Young, C. (2010) “The 1972 Munich Olympics and the making of modern Germany”

[13] Beamish, R. e Ritchie, I. (2006) "Fastest, Highest, Strongest: A Critique of High-Performance Sport", Routledge, USA.

[14]Site

<http://www.bundesarchiv.de/sed-fdgb-netzwerk/glossar.html?q=Sekretariat+des+ZK+%28Zentralkomitees%29>, última vez consultado a 01/04/2013

[15] Sitzung des Sekretariats des ZK der SED, Nov. 18,1970,

[16]Crothers, T. "The Secret of Their Success?" Sports Illustrated. 72, no. 10, (10 Mar. 1990)

[17]Dennis, M. e Grix, J. (2012)"Sport Under Communism: Behind the East German 'Miracle'", Palgrave Macmillan, UK.

[18] Carta enviada por RudiHellmann a Walter Ulbricht

[19] Digel, H. "Doping gestem-Dopmgheute," Leistungssport, 28, no. 4,

[20] Johnson, M.W. (2008) "Training Socialist Citizens: Sports and the State in East Germany", Brill Academic Pub, The Netherlands

[21] <http://www.olympic.org/sapporo-1972-winter-olympics>, última vez consultado em 29/03/2013.

[22] Allensbacher Berichte, 1972/ Nr. 3. Nr. 20 and Nr. 21. in Hartmut Becker, "Der olympische Aufstieg der DDR: Meinungsumfragen in der Bundesrepublik," Deutschland Archiv. 7, no. 2, (1974)

[23] DTSB Vice President Orzechowski, DTSB Vorlage, Apr. 6,1972, Betr.: Kurze Einschätzung der im Zeitraum 1968-1972 auf dem Gebiete des Wintersports erzielten Ergebnisse u. Schlussfolgerungen für die Vorbereitung der Olympischen Winterspiele 1976," DY12: 365, SAPMO, Anlage 1

[24] Die Weiterentwicklung des Leistungssport der DDR bis 1980 und die Vorbereitung der Olympischen Sommer und Winterspiele 1976, Protokoll Nr. 12/73 der Sitzung des

Politburos der ZK, Mar. 27, 1973, Anlage Nr. 9, SAPMO at Zeitgeschichte für Sport,
Potsdam University

[25] Adam, Y. (1979) “Le Sport dans la vie des soviétiques”, Editions Du Progrès,
URSS.

[26] SED Hausmitteilung, Hellmann para Honecker, Nov. 20, 1970

[27] Schellenberger, K. Die Entwicklung des DTSB der DDR von 1975 bis 1981,
(Ph.D. diss., Leipzig: Deutsche Hochschule für Körperkultur und Sport, 1987)

[28] Fulbrook, M. (2009) “Power and Society in the German Democratic Republic,
1961-1979”, Berghahn Books, UK.

[29] Johnson, M. W. (2008) “Training Socialist Citizens: Sports and the State in East
Germany”

6. 1976: A confirmação do sucesso

Sendo os anos 70 uma época favorável à criação de uma consciência colectiva nas sociedades, é fácil de entender porque era tanta a motivação da Alemanha de Leste em tentar mostrar o quanto o sistema Socialista era superior a todos os restantes modelos de sociedade. No entender dos responsáveis do regime esta convicção acentuou-se ao longo do ano Olímpico de 1976, em que através da utilização de programas de treino sistémicos e já muito bem oleados, a Alemanha de Leste conseguiu alcançar resultados bastante dignos de registo, que confirmavam que o sucedido no período Olímpico anterior não havia sido fruto de um mero acaso.[1] Nas Olimpíadas de Inverno, realizadas em Innsbruck, Áustria, a RDA destacou-se particularmente em modalidades técnicas como o *luge* e o *bobsleigh*.ref3 Já nas Olimpíadas de Verão, realizadas em Montreal, Canadá o país alcançou 90 medalhas no total, sendo 40 delas de Ouro, 25 de Prata e outras 25 de Bronze.[2] Neste contexto em concreto foi uma grande vitória para o país, tendo em conta o rácio população/medalha, tendo claramente superado a União Soviética nesse departamento, mesmo que esta tivesse obtido no evento um número maior de medalhas: 125, sendo destas 49 de Ouro, 41 de Prata e 35 de Bronze.[3] Outro facto de confirmou o sucesso da RDA nestes Jogos foi o facto de 61% das medalhas obtidas pelo Bloco de Leste terem sido conquistadas pelo país. Uma modalidade no qual se destacou com grande propriedade foi a Natação Feminina, na qual apenas duas medalhas por equipas escaparam ao país.[2]

Perante estes dados, os responsáveis da RDA não hesitaram em considerar os anos 70 como uma época de triunfo para os países do Bloco de Leste. Apesar de a União Soviética ter ficado em primeiro lugar tanto em 1972 como em 1976, a contribuição do país era tido como sendo a mais relevante face à sua população reduzida. Apesar destes dados, os responsáveis preferiram não desvalorizar demasiado o papel dos outros países para o sucesso do conjunto, já que no entender destes, todos eram necessários para combater os inimigos do espírito Olímpico, e aqueles que tentavam desvirtuar os seus valores através da comercialização crescente no Desporto e da Profissionalização dos atletas,[1] coisas que no entender dos responsáveis políticos do Bloco iam contra os princípios enumerados por Pierre de Coubertin, fundador do Movimento Olímpico e 1º

líder do Comité Olímpico Internacional, que impulsionou a criação dos 1^{os} Jogos, realizados em 1986 em Atenas, berço dos Jogos.[4] Ora, os líderes desse movimento que iam contra o Olimpismo, eram os ditos países “imperialistas”, ou seja, a República Federal Alemã, os Estados Unidos e de forma latente, mesmo que em menor escala, o Japão.



Figura 13: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976.

Fonte: Comité Olímpico do Canadá

No seio do regime, apesar da felicidade pelos resultados obtidos, também havia alguma preocupação pelo facto de nos quatro anos passados entre 1972 e 1976 a distância competitiva entre as duas Alemanhas ter diminuído, isto mesmo tendo em conta que a RDA se havia mantido na liderança.[5] No entanto, o clima de vitimização não deixava que se descansasse com os louros já alcançados, isto porque na mente dos líderes do país, o bloco Capitalista faria de tudo para derrubar o país, fosse de que forma fosse, através da manipulação de juízes, pelo uso de substâncias proibidas ou através de mudança de regras com vista a prejudicar os atletas do Bloco de Leste. Neste contexto concreto, a preparação para os jogos de 1980 teriam de ter particular incidência nas condições de treino e no aumento da qualidade dos mesmos. Em concreto, de melhorar sistematicamente a intensidade, duração e frequência dos treinos realizados.



Figura 14: Atleta alemã Kornelia Ender na cerimónia de entrega de medalhas.

Fonte: Getty Images

Fontes bibliográficas:

[1] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University

[2] Site <http://www.olympic.org/innsbruck-1976-winter-olympics>, última vez consultado a 01/04/2013

[3] Site <http://www.olympic.org/content/>, última vez consultado a 01/04/2013

[4] Site <http://www.olympic.org/content/museum/mosaic/sport-equipment/pierre-de-coubertin/>, última vez consultado a 01/04/2013

[5] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University

[6] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University

7. 1980: Sucesso em toda a escala

Depois de uma década de ascensão imparável, a nova década apresentava-se e com ela estava bem vincada a ilusão da RDA em continuar a ascender na escada que é o Desporto Mundial. Como confirmação dessa expectativa legítima, os resultados nos Jogos Olímpicos de Inverno desse ano, realizados em Lake Placid (Estados Unidos) deixou bem vincado o nível de qualidade a que o sistema desportivo do país tinha conseguido atingir: pela primeira vez na história, conseguiu superar a União Soviética e os Estados Unidos, tornando-se assim no país que alcançou mais número de medalhas na competição em causa. Ora, como já se havia tornado regra na década anterior, qualquer triunfo (tanto mais desta magnitude) era visto pelas autoridades do país como a prova derradeira da superioridade do sistema socialista, já que no entender destes o desporto Internacional era uma arena privilegiada onde decorria permanentemente a luta de classes, ou seja, entre o sistema Socialista e o sistema Capitalista.[1]

Não se pode cair na tentação que este resultado foi obtido por fruto do acaso, pois tal ocorreu depois de anos de preparação minuciosa por parte das autoridades do país. No congresso do Partido Socialista de 1976 foram lançados as bases para um plano plurianual (de 5 anos) que visava o melhoramento das condições oferecidas aos atletas, através de um maior patrocínio das actividades de Cultura Física e Desporto. [2] O objectivo oficial era, através do fomento da prática deste tipo de actividade conseguir desenvolver uma “sociedade socialista desenvolvida”. Para Konstanze Schellenberger, tudo passava por criar uma sociedade “... onde os pensamentos e comportamento dos trabalhadores fossem de admiração pela doutrina socialista, pela ideologia Marxista-Leninista”. [3] Sendo assim, as políticas que visavam a melhoria do Sistema Desportivo foram postas em prática anos antes de os atletas atingirem os resultados nas pistas.

Não se pense no entanto que estes planos políticos eram algo inamovível e sem qualquer tipo de falha, na medida em que periodicamente estes eram alvo de revisões. Neste caso em concreto, o plano elaborado em 1976 foi sendo revisto, tendo sido alvo de uma ligeira reformulação em 1979, devido a normativas enviadas pelo Partido.[4]

A preocupação do regime com este tópico era algo constante e permanente, sendo feitos colóquios de forma constante com vista a discutir o contexto de competição entre os Blocos. Em concreto, no ano de 1979, mais concretamente no mês de Março realizou-se um seminário que tinha como tema de análise principal “o papel do Desporto de Elite na batalha entre os dois sistemas ideológicos e a sua conexão com a guerra de classes”.^[4] Com vista a conseguir vencer nesta luta ideológica permanente contra um inimigo bem definido, o regime concentrou-se em, através de uma educação política sistematizada tentar doutrinar a sua população, e especialmente os seus atletas.^[4] Ao mesmo tempo, procurar encontrar as formas mais eficazes de treino físico com vista a retirar sempre o maior rendimento dos atletas, para que estes atingissem a personalidade socialista ideal. Com efeito, uma grande atenção foi dada à educação político-ideológica dos atletas, já que este factor era (no entender das autoridades) fulcral para se perceber se um atleta estava ou não apto a defender o país em grandes eventos desportivos internacionais. Na eventualidade desta característica estar bem trabalhada no atleta, normalmente o que se seguia era um total nível de compromisso com os planos de treino elaborados centralmente, ou seja, o atleta teria sempre de estar disposto a fazer tudo aquilo que lhe era ordenado, porque na teoria do regime este saberia sempre o que era melhor para os seus cidadãos.^[4] Neste contexto, havia uma crença quase inabalável dentro dos responsáveis políticos de que, quanto maior o nível de conversão ideológica dos atletas, melhor seria o seu comportamento no treino e conseqüentemente melhores resultados seriam obtidos por estes quando chegasse a altura das grandes competições.

Como era assumido o desejo de melhorar a performance humana até ao limite, impôs-se um regime de treino bastante ambicioso, que representava um aumento de 100% face ao período Olímpico anterior para os atletas que tivessem francas hipóteses de serem medalhados.^[4] No ano da competição, o período de treino passaria de 1200 para 1500 horas. Apesar disto, as autoridades estavam conscientes de que os países capitalistas procurariam tirar partido das vantagens materiais inerentes ao regime político vigente nos países ocidentais. Ao mesmo tempo acreditavam que o uso de substâncias dopantes seria uma prática comum em ambos os Blocos políticos, sendo assim fundamental evitar a corrupção de agentes desportivos (árbitros e juizes) que pudessem desvirtuar as

competições a favor das nações Capitalistas.[5] Em primeira análise, o objectivo primário dos Jogos de 1980 passaria por superar em primeiro lugar (e acima de tudo) a República Federal Alemã, e em segundo plano estaria o objectivo de superar os americanos.[6] Ora, e através da análise cuidada de documentos dos organismos reguladores do Desporto na RDA tal só seria alcançado se os atletas estivessem devidamente doutrinados para a causa Socialista, e se os seus regimes de treino fossem propensos à superação, ou seja, estes tinham de ser aumentados periodicamente com vista à cada vez melhor performance dos atletas nas disciplinas praticadas. Esta abordagem bastante exigente das autoridades acabou por ter como consequência resultados que superaram as melhores expectativas possíveis, e logo num local bastante especial para as autoridades da RDA: Lake Placid, localizado nos Estados Unidos, um dos grandes rivais da Nação. Nesse evento em concreto, o país obteve um total de 23 medalhas para 22 da União Soviética e 12 dos Estados Unidos.[1] Como corolário disto, a visão do evento por parte das autoridades foi bastante negativa relativamente à capacidade de organização do evento, nomeadamente no que diz respeito aos transportes, ao alojamento e à alimentação (o que de certa forma não deverá ser assim uma visão tão descabida da realidade, na medida que Lake Placid é um local pequeno e com pouca oferta em termos de transportes e alojamento), [1] por outro lado a Aldeia Olímpica não era propriamente o local mais amigável para se estar, na medida em que o plano das autoridades era transformar o espaço numa prisão após os Jogos, o que muito diz sobre o nível de conforto oferecido aos atletas. [5] Noutra campo, o político, esta organização foi um total fracasso por não conseguir atingir os objectivos de demonstrar a supremacia atlética das nações Capitalistas, tendo os espectadores uma visão bastante objectiva face à superioridade dos países Socialistas no evento, o que ia contra o que havia sido tentado pela Administração dos Estados Unidos, à data liderada por Jimmy Carter que pretendia utilizar o evento para espalhar a mensagem imperialista através da organização do mesmo.[1]

Ora, perante este cenário de triunfo as autoridades ao procurarem explicações agarraram-se às normativas rígidas impostas pelo regime, que tinham o efeito de colocar nos atletas uma grande motivação política e ideológica que eventualmente iria permitir que atingissem a personalidade Socialista ideal, derradeiro propósito destas. Este

espírito nacionalista, que fazia com que os atletas tivessem dispostos a tudo para defender o Estado dos seus rivais (no caso concreto na arena desportiva) tinha o condão de, para as autoridades dar uma grande vantagem relativamente aos concorrentes directos.[7] Outro argumento para a obtenção deste sucesso passava pelos critérios rígidos de selecção de atletas potencialmente medalháveis, que claramente restringia a uma elite todas as instalações de treino e o pessoal mais capacitado (*staff* médico, treinadores). A busca permanente de soluções que pudessem fazer com que a performances dos atletas fosse melhorada foi também outra das possíveis justificações avançadas, sendo sugerido que teriam sido utilizadas soluções médicas que tinham gerado sucesso, e que visavam apelar às reservas de energia dos atletas, sendo inclusive utilizado um termo “meios de assistência” que facilmente poderiam sugerir o uso de substâncias dopantes no processo competitivo.[7]

No entanto esta euforia perante o sucesso competitivo foi de pouca dura, na medida em que os Estados Unidos, face à invasão Soviética do Afeganistão em 1979, procuraram alterar o local dos Jogos de Verão de 1980, a realizar na capital Soviética (Moscou).[8] Este assunto foi levado a uma reunião do Comité Olímpico Internacional, tendo sido rejeitado pela maioria dos 73 países representados na reunião.[9] Paradoxalmente a RDA adoptou uma posição de apoio à posição da URSS, apesar de considerar que tomar partido em assuntos internos de outros países era um princípio errado.[10] Apesar disto, o apoio foi manifestado como sendo inequívoco, devido à importância evidente que o país invadido representava para a nação amiga que era a União Soviética. Ao mesmo tempo a posição americana era tida como inaceitável visto o país ser uma máquina belicista que possuía à data milhares de soldados espalhados pelo mundo numa verdadeira máquina militar sem paralelo.

Nesta fase o entusiasmo pelos Jogos atingiu um expoente máximo, pela oportunidade que era o facto de estes se realizarem pela primeira vez num país do Bloco de Leste, tendo a RDA auxiliado a União Soviética na preparação dos mesmos. Ao mais alto nível o entusiasmo era palpável, até sendo visível nas conversas entre os dois chefes de Estado, à data Brejnev e Hoenecker.[11] Era recorrente o primeiro elogiar os feitos desportivos da RDA e a sua capacidade de organização, especialmente tendo em

consideração a sua diminuta população.[11] Era para ambos um dado muito relevante e revelador do sucesso dos sistemas políticos socialistas, que ia muito para além do mero orgulho nacional. Tal era revelado no documento que descrevia o processo preparatório para as Olimpíadas na RDA, onde se dizia que “pela primeira vez, o Imperialismo (Capitalista) perdeu a superioridade que detinha anteriormente nos Jogos de 1976. Este facto vai ser o motor para uma maior importância da luta política e ideológica dentro dos desportos de elite, e vai contribuir para a luta entre o socialismo e o capitalismo, que eventualmente levará à vitória das políticas de coexistência pacífica”. [12]

No entanto, desde cedo ficou bem assente que o objectivo dos rivais do Bloco de Leste passava por dividir tanto quanto possível o Movimento Olímpico. No entender do regime os EUA estavam a agir de forma bastante injusta, ao não permitir a assistência da União Soviética à revolução no Afeganistão. A decisão derradeira do presidente americano Jimmy Carter de boicotar o evento foi considerada pela RDA como o derradeiro exemplo de atitude contra o Socialismo e o Movimento Olímpico.[12]

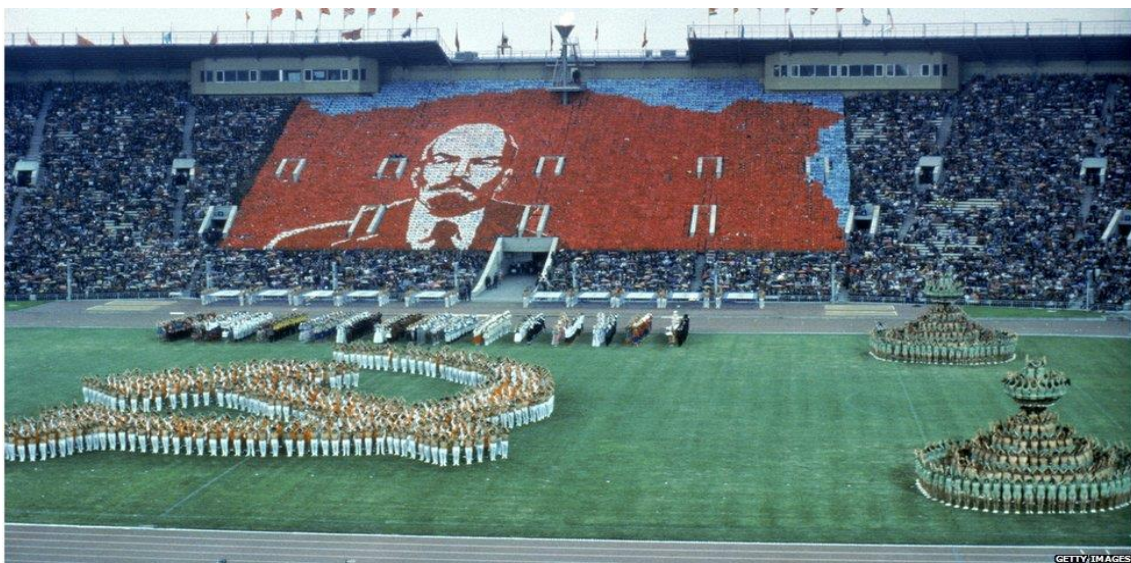


Figura 15: Cerimónia de abertura dos Jogos de Moscovo, 1980.

Fonte: Getty Images

Neste contexto em concreto, as ligações (já de si estreitas) entre a RDA e a União Soviética tornaram-se ainda mais próximas, com vista a uma adequada preparação dos atletas de ambas as nações para o certame a realizar em Moscovo. O facto de uma superpotência não estar presente deveria servir de motivação para tentar dar a melhor

imagem possível dos países comunistas, como que a querer provar uma superioridade moral e intelectual face aos rivais capitalistas que tinham com as suas acções posto em xeque o movimento Olímpico. Assim, tudo estava a postos para que os resultados obtidos pelos atletas fossem usados como forma de demonstração de um sistema sobre o outro, como já era prática corrente na época. [13]

Na publicação oficial dos Jogos, disponível em várias línguas durante o certame era dito que: “ a campanha orquestrada por certos países, especialmente por Washington, contra o movimento Olímpico acabou por se revelar um grande fiasco. O sucesso absoluto dos Jogos de Moscovo vieram provar mais uma vez a total falta de suporte para utilizar o desporto com o propósito de alcançar determinados fins políticos egoístas, e assim procurar destruir as tradições de grande cooperação desportiva Internacional vigente até à data.”. [14]

Devido à ausência de uma grande potência nos Jogos, os jornalistas oriundos do Ocidente concentraram a sua atenção na preparação dos atletas da RDA para o evento, destacando naturalmente as espectaculares condições de treino existentes no país, bem como os feitos da ciência, que permitiam que os atletas atingissem os seus limites através da utilização de um método científico de treino praticamente irrepreensível.[15] Apesar de louvarem muitos destes aspectos, já era possível à data verificar um certo cinismo, na medida em que muito do mérito era já atribuído ao uso constante de substâncias ilegais, que de certa forma diminuían os feitos alcançados, isto apesar de à época o uso destas substâncias ser uma prática tida como corrente dos dois lados do Muro.[15] Ao mesmo tempo, a imprensa da República Democrática concentrara-se em espalhar uma mensagem consistente com a visão do Partido, pondo em grande destaque a cooperação entre o país e a União Soviética, seja na preparação atlética, seja no auxílio prestado a países de Terceiro Mundo (para que estes pudessem estar aptos a também competir nos Jogos).[16] Resumidamente a cooperação entre as duas nações sempre foi apresentada como sendo algo positivo para ambas as partes.

No terreno a actuação dos atletas da República Democrática Alemã esteve à altura das expectativas, tendo o país conquistado 47 medalhas de ouro no certame, para além de 37 de prata e 42 de bronze, perfazendo um espectacular total de 126 medalhas no total, ficando novamente em 2º lugar total, só sendo superada pela União Soviética, anfitriã do evento. [16]

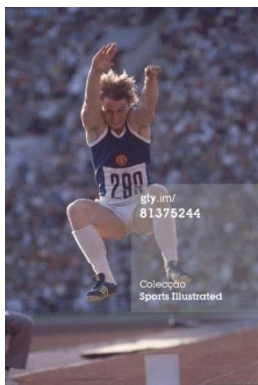


Figura 16: Lutz Dombrowski, atleta da RDA no salto em comprimento nas Olimpíadas de Moscovo, 1980.

Fonte: Getty Images

Para justificar mais um sucesso dos seus atletas os responsáveis do regime agarraram-se novamente ao cumprimento estrito e absoluto das directivas impostas por parte dos responsáveis desportivos, ordenadas em duas datas distintas: 14 de Dezembro de 1976 (logo após o final dos Jogos de Montreal, e iniciando o novo ciclo Olímpico) e em 4 de Janeiro de 1979 (já a menos de ano e meio dos Jogos).[17] Assim, o triunfo desportivo do bloco Socialista tinha de ser encarado como um sucesso, mesmo sabendo que os países do lado capitalista tinham optado pela não participação, o que era visto como a continuação de uma política de confrontação permanente para com as nações socialistas. Para o regime era evidente o propósito derradeiro das forças imperialistas, e passava pela lamentável tentativa de destruir o verdadeiro significado simbólico das Olimpíadas, o que contribuiria em última análise para a sua destruição. Neste contexto muito concreto o regime tinha cada vez mais como seguro que a sociedade socialista era a melhor e a que poderia representar mais fidedignamente os ideais pelos quais os Jogos se guiavam, e a que apresentava melhores condições para tais ensejos serem devidamente concretizados.

O Relatório de Estado elaborado sobre os Jogos de Moscovo manteve em toda a linha a retórica já seguida anteriormente durante a Guerra Fria, no qual a luta entre os dois sistemas políticos estavam sempre presentes, bem como a diferenciação constante dos mesmos, enaltecendo sempre as virtudes do sistema socialista face ao sistema capitalista, procurando sempre pôr em evidência as deficiências do último.[18] Em conclusão, face aos bons resultados alcançados o regime salientava no entanto que não deveria haver ponta de complacência no que concerne às possíveis ondas de simpatia que pudessem ter sido geradas pelo boicote, e conseqüentemente o peso político associado a este.ref4ant Assim, era uma preocupação bastante forte o facto de os países capitalistas não pararem a sua evolução no que concerne a recursos disponíveis para a prática atlética, e havia algo receio de que a República Democrática Alemã não tivesse ao seu alcance meios financeiros disponíveis para se manter a par com os seus grandes rivais Imperialistas (em primeira análise a República Federal Alemã, mas também os Estados Unidos).

Referências Bibliográficas:

[1] Relatório sobre a presença da RDA na Olimpíada de LakePlacid efectuado pelo SED, 5 de Março de 1980, DY30 JIV 2/2 1827, SAPMO

[2] Apesar das muitas tentativas de averiguar exactamente os valores exactos em causa, nem os líderes do regime desportivo tinham noção exacta dos montantes gastos. Apesar disto, estudos foram feitos pelo Prof Dr. Joachim Teisler da Universidade de Potsdam em que se tentou averiguar os gastos praticados ao longo dos anos 80 pelo regime.

[3] Schellenberger, K. Die Entwicklung des DTSB der DDR von 1975 bis 1981, (Ph.D. diss., Leipzig: Deutsche Hochschule für Körperkultur und Sport, 1987)

[4] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University

[5]“The Olympic Getaway”, Sports Illustrated, 9 de Abril de 1979

- [6] Lord Killanin and John Rodda, eds. "The Olympic Games 1984", HarperCollins Publishers, UK.
- [7] Sarantakes, Nicolas Evan. "Dropping the Torch: Jimmy Carter, the Olympic Boycott, and the Cold War". New York, New York: Cambridge University Press, 2011
- [8] ErsteEinschätzung der XIII. OlympischenWhiterspiele 1980 em Lake Placid (EUA)
- [9] Protokoll Nr. 32, der Sitzung des Politburos des ZK der SED, Aug. 12,1980, DY30 JIV 2/2 1852, SAPMO at Zeitgeschichte fur Sport, Potsdam University.
- [10] KlausWiegrefe, "HoneckerundBreznevauf der Krim," ViertelsjahresheftefurZeitgeschichte. 41, no. 4, (Oct. 1993).
- [11] Beschluss "Die Weiterentwicklung des Leistungssports der DDR und die Vorbereitung der OlympischenSpiele 1980"
- [12] Bericht, Abteilung Agitation, Berlin, Jan. 23,1980, DY30IV 2/2.037 14, SAPMO at Zeitgeschichte fur Sport, Potsdam University
- [13] Games of the XXII Olympiad: Official Report of the Organising Committee of the Games of the XXII Olympiad MoscowFizkulturalai Sport (1981)
- [14] Pete Axhelm and Frederick Kempe, "The East German Machine," Newsweek, 14 July 1980, 50.
- [15] Cole, B. C. (2000) "The East German Sports System: Image and reality", Texas Tech University
- [16] Site <http://www.olympic.org/moscow-1980-summer-olympics>, última vez consultado a 01/04/2013
- [17] Seminarplan fur den Lehrgang leitender Kader des Leistungssports, Mar. 26-30, 1979, Kleinmachnow, Mar. 15, 1979, Berlin, DY30 FV 2/19/14, SAPMO at Zeitgeschichte fur Sport, Potsdam University
- [18] Beschluss zur weiteren Entwicklung des Leistungssports in der DDR im Zeitraum 1981-1985 und zur Vorbereitung auf die Olympischen Spiele 1984, Protokoll Nr. 49, Sitzung der Politburos des ZK der SED, Dec. 2, 1980, DY30 JTV 2/2 1869,SAPMO

8. 1984: Sucesso e ressentimento

Para as Olimpíadas de Inverno, a realizarem-se em Sarajevo, na então Jugoslávia (um país comunista mas menos ortodoxo do que a República Democrática Alemã e a União Soviética) foi dado um apoio total para que os bons resultados do último ciclo Olímpico continuassem a existir, tanto mais que os Jogos se iriam disputar num país próximo politicamente, apesar de Tito (líder do país) adoptar um estilo muito próprio à sua governação, não fomentando alianças com os outros países Socialistas.[1] Assim, os objectivos que haviam sido traçados para a Olimpíada de Inverno realizada em Lake Placid mantiveram-se para este novo ciclo Olímpico, ou seja, manter o estatuto da Nação como grande potência desportiva a uma escala Global, procurando alcançar resultados superiores às nações rivais constantes do bloco Imperialista (RFA e EUA), e por fim conseguir alcançar para o Bloco Socialista um resultado que novamente provasse a superioridade do sistema político defendido por este.[2]

Assim, para melhor preparar os Jogos todos os aspectos tidos como fundamentais para um melhor desempenho dos atletas foram revistos e aperfeiçoados, seja ao nível da pesquisa de novas soluções científicas para aumentar o rendimento, da medicina desportiva, desenvolvimento técnico, cooperação total com treinadores e atletas, e naturalmente a sistematização permanente da educação Política dentro do meio atlético. Na sequência da devida organização das diferentes componentes planos de treino intensivo eram postos em marcha, tendo em conta naturalmente a especificidade de cada modalidade praticada e do atleta que está em causa.[2] Estes planos eram alvo de supervisão ao mais alto nível por parte das autoridades, e o controlo efectuado era bastante apertado de forma que os níveis de exigência fossem os mais altos possíveis de forma a proporcionar a possibilidade de superação permanente dos diferentes atletas.[2]

Dentro da política de contenção de custos, que visava concentrar esforços em poucos atletas, mas que eram praticamente na sua totalidade medalháveis, a escolha passou por não dedicar atenção aos desportos colectivos, que eram demasiados caros para os proveitos que deles se retiravam. Assim, para Klaus Reinartz (historiador do Desporto

na RDA) o objectivo passava por diminuir o custo por medalha, conseguindo mesmo assim elevar aos limites os níveis de excelência, e por consequência aumentar o prestígio do país (especialmente em certames como os Jogos Olímpicos).[3] Como tal foram poucos os desportos colectivos no qual o país participou em Sarajevo, sendo honrosas excepções a competição de *bobsleigh* e de *luge*, já que no restante praticamente todos os atletas participavam a nível individual. Havia no entanto excepções a esta regra, dependendo essencialmente do gosto dos líderes do regime. Por exemplo (segundo Reinartz), o Secretário de Segurança do Estado Erich Mielke era um ávido adepto do hóquei no gelo, tendo inclusivamente chegado a desviar dinheiro do seu ministério para que a equipa tivesse meios para poder participar nos Jogos.[2] Para além do Hóquei no Gelo este membro do regime era também grande adepto de futebol, estando sempre presente nos jogos da sua equipa, o Dynamo de Berlim. [2] Durante 10 anos, de 1979 a 1988 a equipa venceu o campeonato do país, sendo claramente beneficiado em muitos dos jogos, fruto da pressão exercida pelo regime (e a Stasi em particular) para que o clube vencesse sempre, fosse por que meio fosse.[4]

Durante a preparação dos atletas para os Jogos todos tinham de adquirir conhecimentos políticos suficientes para poder defender a sua Nação da melhor forma. Assim, estes tinham de possuir no final da sua formação “um amor pelo Partido e pela Pátria Socialista, bem como fortes laços de solidariedade com os irmãos da União Soviética e outros países comunistas, nutrindo ao mesmo tempo um ódio profundo pelas forças Imperialistas (nações Capitalistas) e os seus objectivos agressivos.” [5] Ao mesmo tempo, os atletas tinham de estar fortemente versados na doutrina Marxista, especialmente aplicando-a aos princípios do Desporto, seja individual, seja colectivo. Estes ensinamentos teriam de ser aplicados não só em momentos competitivos mas também no dia-a-dia, de forma a conseguirem aproximar-se da personalidade Socialista Ideal.



Figura 17: Prova de Patinagem Artística nos Jogos Olímpicos de Sarajevo, 1984.

Fonte: Turismo de Sarajevo.

Nos Jogos de Sarajevo, certas medidas de controlo dos atletas foram mantidas, apesar de o evento se realizar num país tido como Socialista. Por exemplo, os familiares dos atletas foram proibidos de viajarem com os atletas, de forma a evitar qualquer tentação de uma possível defecção para o Ocidente.[6] Assim, as famílias permaneceriam na República Democrática Alemã quase como reféns, lembrando os atletas que qualquer ensejo de revolta teria efeitos imediatos em todos os seus entes queridos. Este tipo de controlo tinha sido acentuado ao longo dos anos, especialmente porque as defecções nunca pararam. Por exemplo, em 1979 a estrela do atletismo Renate Neufeld-Spassov conseguira escapar para Ocidente, tendo posteriormente em entrevistas concedidas aos órgãos de comunicação manifestado todo o processo de manipulação exercida sobre os atletas, seja ao nível psicológico, seja ao nível físico (ela tinha conseguido trazer com ela comprimidos que haviam sido administrados por médicos que, após uma análise laboratorial se tinha vindo a confirmar como sendo esteróides anabolizantes).[7]

Aparte das limitações impostas pelo regime, os atletas acabaram por ter uma excelente performance na competição realizada em solo Jugoslavo. A União Soviética e a RDA voltaram a dominar no que a medalhas diz respeito, tendo vencido 25 e 24 respectivamente.[8] No entanto a nação Teutónica conseguiu superar todas as outras em medalhas de ouro, conseguindo 9 no total, comparado com 6 obtidas pela URSS e as 4 obtidas pelos americanos.[8] Novamente as autoridades puderam congratular-se pelo facto de a RDA e a União Soviética terem dominado o certame, para além de no

binómio entre o Este e o Oeste o 1º ter saído novamente vencedor claro (triumfo das forças Socialistas sobre as forças Imperialistas). Ao invés, do lado ocidental a opinião era que a República Federal tinha perdido protagonismo e estaria num lugar no qual já não se poderia considerar uma potência global no que concerne a desportos de Inverno.[9] Ao mesmo tempo, na imprensa do país foi-se fomentando um estado de alma negativo face ao Desporto de Elite, na medida em que no entender desta, tal nível competitivo deixava de ser saudável para os próprios atletas, seja a nível físico mas também psicológico.[10] Do lado Ocidental estava a ser criado um movimento de esquerda, neo-Marxista que defendia que os Jogos eram prejudiciais à união entre os povos, na medida em que a competição desvirtuava totalmente o propósito de unidade que era uma das supostas bandeiras do Movimento Olímpico Internacional.[11]

Apesar de esta corrente ter cada vez mais peso dentro dos meios intelectuais de esquerda no Ocidente, a visão do Regime da RDA manteve-se inalterável. Assim, para este os resultados obtidos provavam novamente a superioridade do Socialismo face ao Capitalismo no contexto da luta de classes, e a tendência do sistema defendido a Ocidente tinha como objectivo a cada vez mais comercialização e profissionalismo dentro do Desporto, o que no entender do Politburo ia contra todos os princípios morais e éticos nos quais assentavam os Jogos Olímpicos. [12] Os bons resultados eram o corolário lógico do bom trabalho dentro da orgânica do Sistema, o ênfase dado à medicina desportiva, ao uso de soluções técnicas mais avançadas e métodos de treino assentes em bases científicas tinham se revelado decisivos para o sucesso na altura da competição. Assim, grande parte do sucesso era resultado da eficaz doutrinação dos atletas, que havia contribuído para os bons resultados alcançados.[13] Apesar disto, nota-se uma certa hipocrisia nesta análise, já que uma das atletas que obteve maior sucesso no evento, Katarina Witt, patinadora artística não era sequer membro do Partido nem lhe era conhecida grande afinidade com os valores Socialistas. Mais tarde aliás, já depois da reunificação da Alemanha, a antiga atleta disse numa entrevista: “ainda estou muito agradecida por tudo o que o meu país me deu, mas eles também me usaram... agora entendo porque é que eles davam tanto apoio e dinheiro aos atletas, já que o sistema desportivo era uma forma de apresentação do regime socialista. Dedicaram demasiada atenção a isto e perderam noção do que era mais importante, como por exemplo a Economia do país.”[14]



Figura 18: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno de Sarajevo, 1984.

Fonte: Getty Images

Na preparação para os Jogos de Verão a realizar em Los Angeles houve necessidade de participar nos eventos pré-Olímpicos de forma que os atletas atingissem os mínimos para se qualificarem.[13] Com alguma curiosidade, os Mundiais de Atletismo realizados em 1983 realizaram-se na mesma cidade que iria albergar a competição multidisciplinar no ano seguinte, o que serviu como forma de preparação ideal para as condições que iriam encontrar no ano seguinte. Dentro da RDA este facto foi visto como um ponto positivo, visto que os atletas poderiam preparar-se para competir na mais Imperialista de todas as Nações, especialmente a partir do momento em que Ronald Reagan havia chegado ao poder nos Estados Unidos, momento no qual a retórica de confronto e de oposição entre os dois sistemas políticos havia-se tornado mais clara e transparente.[14] Um momento ideal para alertar as massas desta nova postura Imperialista por parte dos Americanos eram os Festivais da Juventude organizados pelo Partido, nos quais se alertava os jovens para o facto de para os Imperialistas, toda a massa humana jovem da RDA não passar de parte de um império maléfico, e de estes estarem a adoptar cada vez mais uma postura anti-socialista e anti-Soviética. Assim, as Olimpíadas de Los Angeles seriam a oportunidade perfeita para espalhar a semente do ódio, ao contrário de demonstrar a paz e a harmonia entre os povos, que é afinal o objectivo do evento.[12]

Assim, neste contexto muito particular um ênfase bastante acentuado teria de ser posto na preparação psicológica dos atletas, de forma que estes conseguissem ficar imunes ao ambiente hostil que iriam enfrentar durante a competição. Assim, os atletas teriam de aperfeiçoar o seu comportamento (de acordo com as normativas redigidas *a priori* pelo Partido) e conseguir manter um nível de distanciamento obrigatório para com os Ocidentais. A importância dada à criação de um espírito de grupo teve mais impacto do

que o dado à Educação Política, estando qualidades humanas como a convicção, o entusiasmo, a consistência, “comportamento político”, gosto pelo Partido, resistência e outros normalmente associados à personalidade adequada de um atleta que iria representar a Nação em grandes certames.[14]

Com o aproximar dos Jogos, a União Soviética começou a apresentar uma postura cada vez mais desafiadora e, ao convocar uma reunião do Comité Olímpico Internacional já no decorrer do ano de 1984 pretendeu manifestar toda a sua preocupação pelo facto de o Governo Norte-Americano, liderado por Ronald Reagan estar a procurar fomentar na sua população um forte sentimento anti-Soviético, para além de limitar a entrada de membros da comitiva soviética no seu país com o argumento de que seriam membros do KGB, e mancharem o Espírito Olímpico através de um comercialismo crescente e exacerbado.[15] Assim, a decisão de boicotar os Jogos por parte da União Soviética acabou por não ser uma decisão de todo inesperada (em grande parte devido ao crescente antagonismo político entre as duas superpotências), mas que apanhou muitas pessoas do meio desportivo totalmente desprevenidas, já que apesar de tudo, os Soviéticos eram mestres em utilizar os resultados obtidos nos Jogos para provar ao resto do Mundo a superioridade do seu sistema Político.[16] Outro motivo bastante lógico apresentado na altura era que, já que os americanos tinham boicotado os Jogos realizados em Moscovo, a retribuição a este gesto teria de surgir, e o certame organizado em solo americano era uma oportunidade a não perder para fazer ver ao outro lado do muro que os gestos do passado não tinham sido esquecidos. Sobre esta matéria, o *Der Spiegel* (uma revista do lado ocidental da Alemanha) fez um artigo bastante extenso, com o título de: “Boicote: o medo russo do Ocidente” no qual revelava mais possibilidades para justificar esta atitude tão drástica.[17] Entre os motivos veiculados como possíveis apresentava-se o medo da existência de protestos a larga escala pela ofensiva russa no Afeganistão, e o receio da existência de grupos organizados nos Estados Unidos prontos a auxiliar com vista à existência de possíveis defecções dentro da comitiva Soviética presente nos Jogos.[17]

Perante esta atitude da União Soviética restava saber qual seria a atitude a tomar por parte dos países que gravitavam na órbita política socialista. A resposta não se fez

esperar, e em poucos dias países como a República Democrática Alemã, a Bulgária, a Checoslováquia, a Hungria, a Polónia, entre outros declararam que também iriam boicotar o evento em solidariedade com a posição tomada pelos seus irmãos Soviéticos.[18] Esta postura, tomada em alturas diferentes e por motivos diferentes pelas duas superpotências teve o condão de irritar os responsáveis do Comité Olímpico Internacional. Fartos de ver os Jogos serem usados como arma de arremesso entre os dois países, Juan Antonio Samaranch (líder do COI já à data) ameaçou proibir futuros boicotes, fossem por que motivos fossem. [19]

Apesar de as nações satélite da União Soviética terem alinhado na decisão de boicotar os Jogos, prevaleceu um sentimento de desagrado e ressentimento face à postura que teve de ser adoptada. Num encontro entre todos os responsáveis pelo Desporto das diferentes nações envolvidas realizado em Praga, os responsáveis dos países satélites procuraram junto do responsável soviético garantias de que mais nenhum boicote iria acontecer.[20] Este receio era alimentado pelo facto de os Jogos seguintes, a realizarem-se em 1988 iriam acontecer na capital, Seoul, de um país não reconhecido pela URSS, caso da Coreia do Sul.[21] Este descontentamento foi particularmente visível na República Democrática da Alemanha, e foi expressado publicamente, o que à data era um gesto corajoso de revolta para com o país regulador de toda a política socialista (a União Soviética).[2] Com este gesto, toda a fé na capacidade de liderança da URSS perdeu-se (apesar da linha oficial do Partido privilegiar a amizade entre todos os membros do Bloco) e o ressentimento e a mágoa entre os entusiastas do Desporto, para além de atletas, que haviam trabalhado anos a fio com vista à concretização de um objectivo que agora se tornava impossível de alcançar, isto para além dos prémios monetários que deixariam de receber pela não participação no certame.

Apesar da ausência de grande parte dos membros do Bloco Soviético, os Jogos acabaram por decorrer com maior ou menor normalidade, dentro do possível. À data, foi o certame com maior participação (cerca de 7 700 atletas) e com mais de 140 países representados. Mesmo não estando a RDA representada no certame, estima-se que 75% da população acompanhou os diversos eventos via televisão, para além de ter sido feito

o acompanhamento permanente das provas, merecendo inclusive 1ª página em alguns jornais.[2]



Figura 19: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, Estados Unidos da América em 1984.

Fonte: DailyTelegraph

De facto, a ausência do país não impediu que se procedesse à elaboração de um relatório sobre os Jogos.[2] Assim, devido à ausência de matéria para dissecar em termos competitivos, este acabou por expor uma análise aos efeitos do boicote e ao alegado abuso da parte americana na exploração do Ideal Olímpico para seu próprio uso e proveito. Como costume, todo o documento foi redigido para satisfazer a necessidade dogmática do regime, sendo enaltecida a atitude corajosa que levou ao boicote e à extrema solidariedade com os seus irmãos Soviéticos.[2] O caminho adoptado pelo Movimento Olímpico era tido como perigoso, já que dava prioridade a valores e a políticas hegemónicas e de confrontação, em vez de apelar à unidade entre os povos e a consequente convivência pacífica. Os jogos de Los Angeles tinham assim servido para os americanos promoverem a sua forma organização política e tentarem provar com os resultados alcançados o sucesso da mesma. No relatório constavam também as queixas de algumas comitativas presentes nos Jogos que se queixavam dos excessos americanos na tentativa de demonstrar o seu Patriotismo e devoção à Nação. Neste contexto, o

slogan adoptado durante os Jogos de: “a América vai para o Ouro” foi tido como sendo uma ofensa a todos os participantes. [22]

Estes Jogos foram especiais, para além de todos os motivos expostos, mas também porque foi a primeira vez na História em que se abriu a participação a atletas profissionais, em modalidades como o Futebol, Basquetebol, Ténis e Basebol.[2] Este facto mereceu a desaprovação do Regime, já que no entender deste comprometia o equilíbrio da competição.[2] Ou seja, pela primeira vez os atletas do Bloco de Leste não iriam enfrentar as segundas linhas Ocidentais, o que nivelava significativamente o nível da competição. Este efeito viria a sentir-se em disciplinas nas quais a Alemanha de Leste era dominante, como a natação. Apesar disto era fortemente questionável se, tendo estado presentes em Los Angeles, os atletas da RDA não teriam batido os vencedores das provas. Esta dúvida iria para sempre perseguir os atletas, e o sentimento de desespero pela oportunidade perdida nunca viria a desaparecer, bem como o rancor perante o regime.

Referências Bibliográficas:

- [1] Swain, G. (2010) “Tito: A Biography (Communist Lives)”, I. B. Tauris, UK.
- [2] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University
- [3] Dr. Klaus Remartz, "Die Zweiteilung des DDR-Sports: Leistungssport in nichtgeforderten Sportarten," Workshop: Geschichte des DDR-Sports. des Bundesinstituts für Sportwissenschaft, 18 Apr. 1997, 1.
- [4] Site http://www.gfl-journal.de/2-2007/dennis.html#_ftn1, última vez consultado a 01/04/2013
- [5] Johnson, M. W.(2008) “Training Socialist Citizens: Sports and the State in East Germany”, Brill Academic Pub, Uk.

[6] Beschluss über die Zusammensetzung der Touristengruppe des DTSB der DDR nach Sarajevo, Protokollauszug der 263. Sekretariatsitzung, DTSB der DDR Sekretariat, Nov. 29, 1983, DY12/10331 Olympische Spiele Winter u. Sommer 1984 (377), SAPMO

[7] Beamish, R. e Ritchie, I. (2006) "Fastest, Highest, Strongest: A Critique of High-Performance Sport"

[8] <http://www.olympic.org/sarajevo-1984-winter-olympics>, última vez consultado a 31/3/2013

[9] Cole, B. C. (2000) "The East German Sports System: Image and reality", Texas Tech University

[10] Typen wie aus dem Panoptikum," Der Spiegel 38, no. 30, 23 Julho 1984

[11] Site <http://people.ucalgary.ca/~rseiler/critical.htm>, última vez consultado a 01/04/2013 Seiler, Robert M., "Human communication in the critical theory tradition: neo marxism today"

[12] Cole, B. C. (2000) "The East German Sports System: Image and reality", Texas Tech University

[13] Cole, B. C. (2000) "The East German Sports System: Image and reality", Texas Tech University

[12] Cole, B. C. (2000) "The East German Sports System: Image and reality", Texas Tech University

[13] Winkler, H. A. (2007) "Germany: 1933-1990"

[14] Nothnagle, Alan L.(1999)"Building the East German Myth: historical mythology and youth propaganda in the German Democratic Republic: 1945-1989", University of Michigan Press, USA."

- [15] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University
- [16] <http://sportsillustrated.cnn.com/vault/article/magazine/MAG1122084/>, ultima vez consultado em 30/03/2013
- [17] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University
- [18] <http://sportsillustrated.cnn.com/vault/article/magazine/MAG1122084/>, ultima vez consultado em 30/03/2013
- [19] Associated Press, 8 de Julho de 1987
- [20] Ernst Dieter Schmickler, Staatl. Komitee fur Rundfunk, DLF 5.05 Uhr, Nov. 29, 1984, DDR-Vorbereitung auf die Olvmpischen Spiele in Seoul DY30IV 2/2.039 257, SAPMO at Zeitgeschichte fur Sport, Potsdam University
- [21] Gaddis, John Lewis (2005) “The Cold War: A New History”, Penguin Books, UK.
- [22] <http://olympic-museum.de/first/first.html>, visto no dia 30/03/2013

9. 1988: Regresso triunfal

Neste contexto, a oportunidade de defrontar novamente os seus inimigos Imperialistas era algo demasiado bom para se deixar passar, e por isso os Jogos de Seoul (Verão) e Calgary (Inverno) de 1988 eram ansiosamente aguardados, tanto pelos atletas como também pelos dirigentes desportivos da República Democrática Alemã. Os métodos que haviam catapultado o país para o sucesso eram já bem conhecidos: detecção de talentos em idade precoce, programas de treino sistémicos e o programa de prémios concedido aos atletas que obtinham bons resultados.[1] Apesar disto, nos últimos anos da década de 80 começou a haver problemas neste programa tido como um de grande sucesso. Devido aos rumores cada vez mais sustentados do uso massivo de substâncias dopantes por parte dos atletas a partir de uma tenra idade, o número de atletas captados pelo programa de talentos foi diminuindo drasticamente com o passar dos anos, já que os pais não desejavam submeter os filhos ao mesmo tipo de tratamento por parte das autoridades.[2] Desde a primeira metade dos anos 80 as autoridades registavam uma preocupação pelo declínio do potencial de desenvolvimento do Desporto na RDA, tendo as outras potências alcançado um nível de evolução tecnológica que o país não podia simplesmente igualar.[3] Ao mesmo tempo, a situação económica no país piorou com o passar dos anos, e em especial na segunda metade dos anos 80 registou-se um desinvestimento brutal em instalações desportivas (eram construídas infra-estruturas mas depois não eram utilizadas para esse efeito).[4] Como os planos de fomento elaborados pelo Estado estavam constantemente a não ser cumpridos, os atletas começaram a ganhar maior consciência das lacunas do sistema, o que tornava a sua educação política muito mais complicada, visto haver a sensação de dúvida permanente no espírito dos aprendizes. Ao mesmo tempo a conjuntura internacional sofreu mutações extremamente relevantes, com a chegada ao poder de Mikhail Gorbachev em 1985 na União Soviética.[5] Este facto teve o condão de mudar radicalmente as relações entre os dois países, já que a URSS deixou de financiar de forma tão efectiva o país, apostando ao invés numa política de liberalização económica, para a qual o sistema comunista não estava manifestamente preparado, o que veio a ter efeitos gravosos na viabilidade económica do sistema.[6] Apesar destes sinais de alerta, a preparação para os Jogos decorreu com aparente normalidade, tendo as autoridades feito todos os possíveis por incorporar e pôr à disposição dos atletas o máximo de tecnologia ao seu

alcance. Assim, e devido à cada vez maior dificuldade de impor aos atletas as crenças políticas do regime, foi considerado vital aumentar a presença de elementos do sistema dentro da comitiva Olímpica, de forma a conseguir controlar com maior eficácia a vivência dos atletas dentro do certame.[7]



Figura 20: Estádio Olímpico de Seul.

Fonte: British Broadcasting Corporation

A presença da República Democrática Alemã nos Jogos de Seul foi (atleticamente falando) um grandioso sucesso, tendo pela segunda vez na sua curta história conseguido superar os Estados Unidos da América, tendo conseguido alcançar um total de 102 medalhas (37 de ouro, 35 de prata e 30 de bronze) no total contra as 94 (36 de ouro, 31 de prata e 27 de bronze) do seu rival.ref6 Ao mesmo tempo estes jogos revelaram-se mais um triunfo para o bloco socialista, na medida em que a União Soviética foi o país mais medalhado, logo seguida da RDA em 2º lugar (que superou largamente a República Federal Alemã em termos de medalhas).[8] Como é natural, o regime da Alemanha de Leste prontamente festejou mais este êxito como sendo corolário lógico da competência e do esforço impostos na preparação para o certame, o que associados ao cada vez maior uso de tecnologia de ponta por parte dos atletas, bem como uma preparação mental adequada que levava a que estes tivessem consciência dos ideais pelos quais estavam a lutar, que em última análise, teve como derradeira consequência resultado num sucesso tremendo para o país. Em termos disciplinares houve a destacar

novamente o grande papel assumido pelo país na modalidade de natação, especialmente na sua vertente feminina, tendo a atleta Kristin Otto alcançado um feito sem precedentes à data, tendo alcançado um total de seis medalhas de ouro nas diversas disciplinas em que participou, o que levou a que muitas pessoas a tenham considerado a maior atleta alemã de sempre a competir nos Jogos.[8] Todo este êxito veio no entanto a ser mais tarde posto em causa por alegações bem fundadas do uso de substâncias dopantes por parte da atleta em questão. No entanto, muitos dos atletas do país vieram a defender a atleta, argumentando que esta não tinha os traços típicos de uma atleta dopada (como alterações fisionómicas mais ou menos evidentes ou o engrossamento da voz), para além do facto da atleta sempre ter negado ter cometido qualquer tipo de irregularidade.[9]

Nos Jogos Olímpicos de Inverno realizados em Calgary, Canadá o país voltou a obter resultados notáveis, tendo conseguido o segundo lugar no ranking do total de medalhas alcançadas (conquistou 25 no total, sendo 9 de ouro, 10 de prata e 6 de bronze).[9] De destacar neste certame duas modalidades nas quais a Alemanha de Leste conseguiu alcançar feitos dignos de nota: no *Luge*, em que das nove medalhas em discussão o país conseguiu conquistar seis; na Patinagem Artística Katarina Witt voltou a estar em grande destaque conseguindo alcançar mais uma medalha de ouro, renovando assim o título conquistado quatro anos antes em Sarajevo.[9]



Figura 21: Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno realizados em Calgary, Canadá.

Fonte: Comité Olímpico do Canadá

No relatório de análise da performance alcançada pelos atletas nestes Jogos houve, de certa forma, uma mudança de paradigma na forma como as autoridades procuravam justificar o sucesso alcançado pelos seus representantes. Assim, ao invés de procurarem vangloriar o grau de comprometimento pela causa e os níveis acentuados de educação política dos atletas, as justificações eram bastante mais viradas para as componentes técnicas e científicas do treino, bem como do uso cada vez mais aperfeiçoado da medicina desportiva.[10]

O nível de sucesso da RDA em termos desportivos despertava muita curiosidade por esta altura, especialmente do outro lado do muro. Assim, na República Federal começou a ser questionado se o método utilizado pelos de Leste não seria benéfico e até possível de copiar.[11] Assim, foram realizados estudos, um deles pelo Dr. Kurt Mocker que procurou averiguar qual a opinião do público em geral, bem como de treinadores e atletas sobre o modelo desportivo praticado pela nação rival. Os resultados alcançados foram surpreendentes, na medida em que 42% do público em geral defendia que seria favorável à RFA adotar o mesmo modelo que a sua nação rival.[12] Ao mesmo tempo, a percentagem de treinadores que defendia a mesma solução era bastante semelhante,

situando-se nos 40%. O único grupo estudado que destoava desta corrente de opinião era o dos atletas, dos quais apenas 20% defendiam que a forma de agir da RDA era viável e adequada às necessidades do país.[12] Esta situação não era muito surpreendente, já que os atletas eram os que tinham maior consciência do que significava o modelo defendido do outro lado do Muro. Normalmente ao patrocínio do Estado estavam associados uma série de deveres como a filiação política e/ou partidária (com o passar dos anos a influência do Partido dentro das comitativas era cada vez maior, visto ser um dado mais ou menos certo que o número de filiados tinha subido de forma consistente dentro das mesmas) o que limitava em muito a liberdade dos atletas, para além de colocar nos seus ombros uma pressão terrível para alcançar resultados, dado o investimento efectuado estar normalmente associado a um retorno desportivo mais ou menos certo.[13]

Dentro do regime da RDA começava-se nesta altura a desconfiar bastante das intenções dos líderes soviéticos, que haviam apostado numa política de abertura política (Glasnost) e de reformas dentro do sistema comunista (Perestroika) que ia contra todos os dogmas que suportavam o regime de Erich Hoenecker.[14] O nível de desconfiança era acentuado, deixando os responsáveis desportivos do país um pouco reticentes na manutenção de laços estreitos de cooperação e amizade, que eram de resto a prática comum entre as duas nações socialistas. Assim, e nos termos da reestruturação operada em território soviético, a Alemanha de Leste começou a sentir dificuldades em escoar muitos dos seus produtos, perdendo assim um dos principais mercados no qual anteriormente operava.[15] Esta situação eventualmente teve consequências na viabilidade económica do país, que foi forçado a abrir novas portas para escoar a sua produção, nomeadamente para Ocidente, e para países capitalistas como a França, a Áustria e o Japão, para além (imagine-se) do seu grande rival político e ideológico: a República Federal da Alemanha.[16] Neste contexto de crise, muitas áreas que anteriormente eram tidas como prioritárias começaram a ser negligenciadas de forma evidente, sendo prédios anteriormente utilizados para habitação social deixados ao abandono, bem como cuidados médicos adequados fortemente postos em causa por falta de meios.ref6 Apesar desta crise económica generalizada diversos planos com vista ao futuro foram postos em marcha, como por exemplo a candidatura de Leipzig à organização dos Jogos Olímpicos de Verão a realizar em 2004.[16] Este processo não

era mais do que uma tentativa vã de tentar angariar fundos a nível internacional para uma economia em estado de decomposição bastante acentuado, e deveria servir como prova da confiança do regime na sua capacidade de resolução de problemas, bem como do forte sentimento pela Nação que era marca registada dos habitantes do país, algo bastante normal para um país, que à data era uma superpotência desportiva à escala planetária.

Ora, sem o auxílio económico da superpotência que suportava politicamente o sistema, o regime entrou em falência, visto o país ser dependente do regime de Moscovo em quase todos os aspectos, especialmente no que concerne a matérias-primas que permitiam o funcionamento da indústria: petróleo (que os soviéticos vendiam a um preço mais elevado do que o praticado no mercado mundial, o que implicava que a Alemanha de Leste muitas vezes pagava por este em excedentes de produção), carvão, ferro, cobre, níquel, lã, algodão, etc.[12] Em outros casos, como no caso da indústria do aço, que na RDA era pujante, os soviéticos fechavam as portas de forma a manter os preços mais ou menos estáveis. Em termos de energia nuclear a União Soviética sempre havia o monopólio da mesma, ou seja, quando o sistema começou a entrar em falência, o país não tinha meios para se fornecer energeticamente, o que contribuiu para a decadência económica do sistema.[12] Desde inícios dos anos 80, a população tinha começado a sentir na pele o diminuir da qualidade de vida, e ao longo da década muitos foram os que tentaram, tanto junto da Representação da República Federal em Berlim Leste, como nas embaixadas do mesmo país em Praga e Varsóvia novas formas de tentar atravessar o Muro para o lado Ocidental.[17] Ao mesmo tempo que isto se passava na República Democrática Alemã, a liberalização no espaço Soviético falhava redondamente.[18] Após anos a negligenciar o processo produtivo, a liberalização dos mercados provocou uma espiral de inflação galopante, deixando os produtos de primeira necessidade de ser comparticipados pelo Estado. Ora, esta subida de preços não foi acompanhada de um aumento de salários ao mesmo nível, o que fez com que muitas famílias perdessem qualidade de vida, isto para além dos despedimentos em massa que muitas das empresas tiveram de fazer de forma a conseguirem manter-se viáveis, já que haviam deixado de receber subsídios estatais que garantiam a viabilidade económica das mesmas. Ao mesmo tempo, a perda de valor da moeda russa fez com que as poupanças de uma vida da população perdessem quase todo o seu valor, o que fez cair na pobreza

milhões de pessoas que antes viviam de forma relativamente confortável.[18] No sentido inverso, um pequeno grupo de antigos gestores governamentais conseguiram tomar controlo de empresas anteriormente sobre a alçada do estado mas que foram privatizadas a preços irrisórios, conseguindo assim acumular fortunas incríveis num curto espaço de tempo.[18] Ora, como consequência desta abertura política muitos Estados começaram a ter pretensões nacionalistas, sendo o primeiro passo dado precisamente em 1988, pela Estónia, que se assumiu como uma nação soberana dentro da URSS, passando a emitir passaportes próprios e a vetar leis aprovadas pelo Parlamento Soviético.[19] Perante esta nova realidade, cada vez se tornou mais complicado para o regime da RDA conseguir proteger de forma eficaz as suas fronteiras, até que em 27 de Junho de 1989, as autoridades austríacas e húngaras decidiram abrir oficialmente as suas fronteiras, abrindo assim uma brecha na “Cortina de Ferro”, facto aproveitado por muitos habitantes da República Democrática Alemã para poder entrar na Alemanha Federal por via indirecta.[20] Aproveitando a nova realidade, as vagas de protesto que visavam a reforma democrática do sistema, bem como a implementação da liberdade de expressão nas maiores cidades da Alemanha de Leste foram-se sucedendo, até que em Novembro de 1989 o maior símbolo da Guerra Fria foi derrubado. Assim, na madrugada do dia 9 o Muro de Berlim começou a cair, e com isto chegou o fim da Guerra Fria.[21] Assim, numa onda de revoluções nos países satélites da União Soviética, os regimes fantoche de Moscovo foram caindo um após o outro.ref6 Por fim, em Dezembro de 1991 foi a União Soviética a desintegrar-se, o que veio a provocar um realinhamento geopolítico no globo, e provocar o terminar do conflito entre os dois grandes blocos políticos. Uma era que havia começado com o final da 2ª Grande Guerra teve assim o seu final. [19]

Referências bibliográficas:

[1] Beamish, R. e Ritchie, I. (2006) “Fastest, Highest, Strongest: A Critique of High-Performance Sport”, Routledge, USA.

[2] Dennis, M. e Grix, J. (2012) “Sport Under Communism: Behind the East German 'Miracle'”, Palgrave Macmillan USA.

[3] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech

- [4] Maier, C. S. (1999) "Dissolution: The Crisis of Communism and the End of East Germany", Princeton University Press, USA.
- [5] Brown, A. (2009) "Seven Years that Changed the World: Perestroika in Perspective", Oxford University Press, USA
- [6] Cole, B. C. (2000) "The East German Sports System: Image and reality", Texas Tech University
- [7] Cole, B. C. (2000) "The East German Sports System: Image and reality", Texas Tech University
- [8] <http://www.databaseolympics.com/games/gamesyear.htm?g=22>, última vez consultado em 30/03/2013
- [9] <http://www.sports-reference.com/olympics/athletes/ot/kristin-otto-1.html>, última vez consultado em 30/03/2013
- [10] Fuchs, R. "Nur 'Haltet den Dieb!' rufen, das hilft nicht," Neues Deutschland. 24 Apr. 1998.
- [11] Connors et al., 115
- [12] Einschätzung der Ergebnisse bei den XV. Olympischen Winterspielen 1988, Vorlage für das Sekr. des Bundesvorstandes des DTSB der DDR, May 3, 1988, DTSB DRS 1429, SAPMO at Zeitgeschichte für Sport, Potsdam University
- [13] Beamish, R. e Ritchie, I. (2006) "Fastest, Highest, Strongest: A Critique of High-Performance Sport", Routledge, USA
- [14] Cole, B. C. (2000) "The East German Sports System: Image and reality", Texas Tech
- [15] Cole, B. C. (2000) "The East German Sports System: Image and reality", Texas Tech University
- [16] DTSB, Vorlage für das Sekretariat des Bundesvorstandes, Berlin, July 12, 1989, DRS 1429, SAPMO at Zeitgeschichte für Sport
- [17] Maier, C. S. (1999) "Dissolution: The Crisis of Communism and the End of East Germany", Princeton University Press, USA
- [18] Garcelon, M. (2005) "Revolutionary Passage: From Soviet to Post-soviet Russia, 1985-2000 (Politics, History, and Social Change)", Temple University Press, USA
- [19] Walker, E. W. (2003) "Dissolution: Sovereignty and the Breakup of the Soviet Union (The Soviet Bloc and After)", Rowman & Littlefield Publishers, USA.
- [20] "Peaceful Revolution: Cutting the Fence and Changing", Artigo do Der Spiegel de 29 de Maio de 2009.

[21] Buckley Jr, W. F. (2009)“Fall of the Berlin Wall (Turning points in history)”, Wiley, UK.

10. O Doping na RDA

Para melhor perceber o paradigma na abordagem das autoridades da RDA face ao Desporto, é de fundamental importância mencionar o plano estatal 14:25 adoptado de 1966 em diante pelo Estado daquela nação.[1] Este plano tinha em vista a criação de laboratórios especializados na cidade de Leipzig, na companhia farmacêutica Jenapharm, com o objectivo de investir em investigação e desenvolvimento de novas drogas (com a cooperação de cientistas e farmacêuticos) e que tinha o propósito derradeiro de proporcionar aos atletas as melhores hipóteses de sucesso a nível Olímpico.[1] Para este efeito, os cientistas conseguiram chegar a uma combinação hormonal conhecida por Oral—Turinabol que era um esteróide que promovia o aumento desmedido de testosterona nos organismos dos atletas.[2] Tal droga era fornecida aos atletas que na opinião do regime estariam em melhores condições para competir por medalhas nos Jogos. Este fenómeno associado a uma prática intensiva de Desporto nas escolas do país, bem como a promoção de competições que visavam o propósito de fazer uma triagem extremamente apertada com vista à selecção dos maiores talentos para as diferentes modalidades contribuíram indelevelmente para o súbito sucesso do país nas grandes competições.[3] Os efeitos desta droga era variável conforme o atleta no qual era administrado, mas em mulheres as consequências eram mais graves, na medida em que a testosterona tem um efeito muito mais significativo, visto ser algo não presente nos corpos das mesmas, tendo assim efeitos muito mais drásticos na performance das atletas, especialmente no que diz respeito a provas em que o uso da força era determinante para obter bons resultados (lançamentos nomeadamente).[3]

Durante os anos 70 o uso deste tipo de substâncias de componente principalmente hormonal tornou-se prática corrente, sendo até conhecido o recurso a estas por parte de menores. Tais opções eram suportadas pelo Estado, tendo este programa sido tornado oficial através de um decreto em 1974, que estabelecia as seguintes linhas directrizes: a administração de *doping* (nomeadamente esteróides andrógenos) deveria ser parte integrante do processo de treino e de preparação para as grandes competições internacionais; ser administrado de forma rigorosa e centralizada, incluindo o controlo permanente dos efeitos e dos resultados obtidos por parte de cientistas desportivos

reconhecidos; controlo estrito por parte do Sistema Médico Desportivo, incluindo o estabelecer de um sistema de distribuição centralizado e um sistema de documentação próprio; procurar desenvolver e otimizar recursos com vista à busca de novas substâncias dopantes no Desporto, sempre tendo em vista a maior eficiência nos padrões de administração das mesmas, de forma a evitar que estas fossem detectadas aquando da sua utilização em provas internacionais; estes métodos de administração teriam de ser ensinados aos treinadores e atletas de forma que a administração fosse eficaz considerando que tais práticas seriam de ser consideradas Segredo de Estado e serem realizadas em total segredo de forma a não serem detectadas por intervenientes fora do Sistema.[3] Este sistema que visava o uso massivo de substâncias dopantes estendia-se ao âmbito de sete ministérios e a Agência Central para a Protecção dos Segredos Estatais, liderados pela Stasi desenvolveu uma rede de controlo que envolvia mais de 1000 colaboradores, informadores e espiões (colaboradores não oficiais). A versão final deste plano, aprovado em 1979 incluía na sua plenitude “espionagem operacional” no Desporto e dentro das instituições desportivas das nações rivais, preocupando-se especialmente com a eventual criação de métodos novos e mais eficientes da detecção de substâncias dopantes.[3]

De tal forma assim era (o uso em massa de substâncias dopantes no sistema desportivo do país) que num relatório da Stasi (polícia Secreta do Estado) feito pelo Director Adjunto Hoppner datado de 1977 se dizia: “analisando os resultados obtidos pelos atletas do país conclui-se que no presente a existência de esteróides anabolizantes se estende a todos os eventos Olímpicos, à excepção da ginástica e da vela (femininas), e este uso é prática corrente de todas as nações. Esta forma de agir tem efeitos bastante claros no aumento da performance dos atletas e tal facto não oferece qualquer tipo de discussão.”[1]

Segundo o mesmo relatório: “o uso de substâncias dopantes foi inicialmente concentrado nas provas de força, especialmente lançamentos, mas a partir dos Jogos de 1972 este tipo de prática alastrou-se a provas de velocidade.”[1] Sendo ou não coincidência, a maioria das medalhas obtidas pelo país neste evento desportivo concentrou-se nestas provas, o que diz muito sobre os efeitos na performance dos atletas

destas substâncias dopantes.[4] No entanto, não podemos pensar que este fenómeno se resumia ao caso da República Democrática Alemã. Durante os Jogos de 1972 realizados em Munique, um atleta americano, de seu nome Jay Sylvester conduziu uma sondagem não oficial em que os números alcançados foram deveras esclarecedores, na medida em 68 por cento dos atletas abordados admitiram que recorreram ao uso de substâncias proibidas na preparação para os Jogos. [5]

Com efeito, tal era o efeito destas drogas na performance dos atletas, que esta só veio a ter um declínio palpável em termos de resultados a partir do final da década de 80, momento no qual se começaram a introduzir controlos (bastante longe da perfeição, e sujeitos a resultados erróneos) fora da competição.[3] Neste contexto em particular é bastante notória a quebra das marcas obtidas em disciplinas como o lançamento do dardo, lançamento do peso e no disco, disciplinas comumente associadas a este tipo de práticas irregulares, nomeadamente no que concerne ao uso de esteróides anabolizantes (especialmente nas atletas femininas).[3] Tal cenário foi também verificável em outras provas do género feminino e mesmo em eventos masculinos como o lançamento do disco, do peso e do martelo, o que inquestionavelmente aponta para a grande presença de substâncias dopantes nestas competições até à data.[3] Este cenário veio a ser confirmado nos anos seguintes, e até 1996 muitos atletas tinham baixado de forma considerável os seus máximos pessoais quando comparado com as marcas obtidas na década anterior. Tal cenário ficou evidente em provas como o lançamento do peso, na qual a campeã Olímpica Astrid Kumbernuss obteve uma marca para vencer a medalha de ouro (nos Jogos de Atlanta em 1996), que nos Jogos Olímpicos de 1980 teria dado apenas para um sexto lugar.[1]

Por detrás deste sistema massificado de doping podemos encontrar uma figura central: Manfred Ewald.[6] Este homem, que foi líder do programa de Estado para o Desporto desde os anos 60 até finais dos anos 80 (sendo durante grande parte desse período líder do Comité Olímpico da República Democrática Alemã) teve uma história marcada pela busca pela glória a qualquer custo. Certo dia, este homem (que havia pertencido ao partido Nazi antes de se alistar no Partido Comunista) afirmou sem pejo que “não interessa quem detenha o poder, desde que a glória seja minha”.[6] Esta afirmação diz

muito sobre o propósito derradeiro: a vitória a qualquer preço, independentemente dos meios utilizados. Durante o período temporal considerado para análise os atletas da RDA alcançaram um sucesso Olímpico sem precedentes, alcançando para o país mais de 500 medalhas. No entanto este sucesso não foi obtido sem um preço elevado, tendo sido conseguido através do uso maciço de substâncias dopantes (especialmente a testosterona aplicada em mulheres). De tal forma foi esta uma prática comum, que uma atleta envolvida neste sistema, de seu nome Heidi Krieger, antiga campeã na disciplina do lançamento do peso ficou com as características físicas de tal forma adulteradas que foi forçada a mudar de sexo e hoje em dia tem o nome de Andreas Krieger.[7]

No entanto, provar de forma sustentada o uso de substâncias dopantes por parte dos atletas tem-se revelado um gigantesco desafio para as autoridades, na medida em que a escassez de documentos no que concerne a esta temática. Muito provavelmente as autoridades, com receio de que tais documentos viessem a ser revelados mais tarde, presumivelmente destruíram muitos documentos, especialmente datados a partir de 1976 em diante. [3] Apesar disto, muitos estudos foram já efectuados sobre este assunto, sendo de destacar um, produzido por Brigitte Berendonk: “Doping, da pesquisa à traição”. [8] Este estudo foi fundamental para os trabalhos da comissão de inquérito liderada por Werner Franke, apesar dos seus achados terem sido fortemente contestados por antigos atletas, caso mais flagrante de Heike Drechsler (antiga campeã mundial pela República Democrática Alemã nas modalidades de Salto em Comprimento), que acusou a autora do estudo de estar a mentir no seu estudo sobre a situação verificada no antigo país de Drechsler.[9]

Em artigos tão recentes como em 2009, a antiga atleta (já anteriormente mencionada nesta tese) Ines Geipel afirmou numa entrevista ao Der Spiegel que, apesar de todas as provas que já foram levantadas sobre o uso do doping e os efeitos nocivos deste, o público em geral teima em não ter consciência de que o uso de substâncias dopantes é crime.[10] Ao mesmo tempo afirmava que os atletas que pediram ao longo dos anos o perdão dos seus antigos treinadores (que haviam sido condenados por terem

administrado substâncias dopantes aos seus atletas) não tinham a mínima noção dos danos que os treinadores em causa haviam causado a gerações inteiras de jovens que apenas queriam servir de forma total o seu país pela via da superação e do esforço atlético.[10] O seu desejo de ver os antigos atletas afectados pelo uso de substâncias proibidas vingados pela justiça teve o seu apogeu em 2005, quando um grupo de 190 ex-atletas da RDA colocou um processo em tribunal contra a companhia farmacêutica Jenapharm, suposta responsável pela produção de esteróides anabolizantes na antiga República Democrática.[11]

Outro antigo dirigente, vice-presidente da DTSB Thomas Kohler afirmou no seu livro “dois lados da moeda” que desde o início dos anos 70 o uso de substâncias dopantes dentro do sistema desportivo do país tornou-se regra, de forma que o país conseguisse continuar a competir em grande nível nos palcos maiores do Desporto Mundial. Esta prática tornou-se corrente, e como exemplo, em 1989 (mesmo antes da desintegração do país) cerca de 90 médicos especialistas nesta área trabalhavam no Instituto do Desporto de Leipzig.[12] Assim, a aplicação de drogas nos atletas era seguida bem de perto pelos doutores responsáveis, não havendo no entanto a garantia de que tudo tenha corrido sempre bem, tendo sido lançada a hipótese pelo autor do livro de terem podido haver mortes decorrentes do falhanço destas práticas.[12] Tais suspeitas foram no entanto sempre desmentidas pelos atletas que testemunharam em tribunal (nos processos respeitantes a crimes ligados com o uso de doping na antiga RDA).

Registo Bibliográfico:

[1] Franke, W. W. e Beredonk B. “Hormonal doping and androgenization of athletes: a secret program of the German Democratic Republic government” *Clinical Chemistry*, 1997, 43, 1262-1279

[2] <http://www.steroid.com/Oral-turinabol.phtml>, última vez consultado em 30/03/2013

[3] Dennis, M. e Grix, J. (2012) “Sport Under Communism: Behind the East German 'Miracle’”, Palgrave Macmillan, UK.

[4] <http://www.olympic.org/munich-1972-summer-olympics>

[5] Silvester, J. L. “Anabolic steroids at the 1972 Olympics!”, SOURCE Coach & Athletic Director; 2006, Vol. 76 , 3, p11

[6] <http://articles.latimes.com/2002/oct/24/local/me-ewald24>

[7] <http://www.spiegel.de/sport/sonst/ddr-doping-eine-heidi-krieger-ist-mir-fremd-a-78930.html>

[8] Berendonk, B. (2011) “Doping Dokumente: Von der Forschung zum Betrug”, Springer-Verlag, Alemanha.

[9] http://articles.latimes.com/1991-09-07/sports/sp-1541_1_east-german, última vez consultado em 30/03/2013.

[10] Entrevista de Ines Geipel ao Der Spiegel, Janeiro de 2009

[11] Harding, L. (2005) “Forgotten victims of East German doping take their battle to the court”, The Guardian

[12] <http://www.thelocal.de/sport/20100914-29815.html#.UVi-RVeNdpc>, última vez consultado em 28/03/2013

11. Modelo educacional da RDA

O modelo educacional na RDA foi concebido com o objectivo de filtrar os maiores talentos de cada geração para poder moldá-los à imagem do regime com o fim de atingir os melhores resultados possíveis com a massa humana existente, seja porque meios for, ou seja, para todos os efeitos tudo valia nessa época para poder ganhar vantagem sobre os rivais.[1]

Neste contexto em particular, é deveras importante notar a forma de organização do modelo educacional daquele país, que era o veículo para conseguir fazer com que apenas os melhores pudessem vingar. Esta forma de pensar o Desporto na RDA pode ser claramente notada através de pequenos detalhes como o facto de em 1965 as autoridades terem alterado o curriculum educacional para que a disciplina de Educação Física passasse a ser denominada por Desporto, com vista à massificação da prática desportiva nas camadas jovens do país, com vista à obtenção dos melhores resultados possíveis, enaltecendo sobretudo a componente competitiva na educação, com o claro objectivo de detectar o mais precocemente os talentos desportivos de cada geração de forma a conseguir uma filtragem efectiva para que as capacidades de cada atleta serem potenciadas até ao limite.[1]

Assim, é importante mencionar a especificidade do modelo de detecção de talentos da RDA (República Democrática Alemã), nomeadamente no grande contraste face aos outros países sob a alçada da União Soviética. Ao contrário da última, no qual o modelo assentava na teoria da selecção natural (no qual apenas os melhores restariam de todos os potenciais seleccionáveis) assente em testes morfológicos básicos, aliados a uma prática desportiva bastante massificada.[2] Com vista a que o programa resultasse melhor, existiam uma série de normativas que ajudavam à selecção dos melhores. Este processo era naturalmente facilitada pelos recursos humanos disponíveis, praticamente ilimitados, visto a população do país ser de mais de 200 milhões de habitantes, o que naturalmente facilitava em termos de capacidade de recrutamento de atletas que podiam

oferecer garantias de sucesso, nomeadamente no que diz respeito a modalidades que tinham lugar nos Jogos.

Pelo contrário o modelo da RDA, apesar de ser baseado nas mesmas crenças ideológicas (aliado ao desejo imparável de bater a República Federal Alemã em todas as áreas, mas especialmente no desporto, apesar de a última deter um muito maior campo de recrutamento, visto a sua população ser quatro vezes maior), mas limitado pelo facto de a sua população ser bastante mais reduzida (população de pouco mais do que 17 milhões de habitantes). Devido a este factor inultrapassável, a detecção de talentos teve de ser feita de forma bastante mais audaz e pormenorizada, tendo sido adoptado um modelo científico, sendo a selecção feita com base em dados exactos (medição e teste das qualidades motoras básicas). [1] A grande diferença assentava no facto de (ao contrário do modelo Soviético) serem os cientistas a liderar o processo, estando os professores num papel secundário de assistentes. Devido ao sucesso desta forma de actuação, o modelo acabou por ser copiado por outros países, como a Bulgária, a Polónia ou a Checoslováquia.[1] Esta forma de detecção de talentos, aliado ao facto da possibilidade de sucesso desportivo poder dar origem a uma carreira dentro do sistema era o grande aliciente para os jovens poderem encarar o Desporto como uma via para almejar a uma boa vida, através de prémios monetários, mas também da colocação em postos do exército ou de outra força policial (para todos os efeitos a maioria dos atletas, de forma a manterem o estatuto de amadores tinham sempre uma profissão atribuída, mesmo que apenas fosse uma fachada).

O modelo da RDA era bastante estruturado, e as bases do mesmo estavam orientados para um só objectivo: obter o máximo de desempenho com os meios humanos disponíveis, e todas as normativas eram concebidas com vista a que esse propósito fosse cumprido de forma exemplar, estando as linhas de comando bem definidas (hierarquização clara) e as metas a atingir eram bastante claras (por exemplo, para os Jogos de 1972 o objectivo era claro e inequívoco: conseguir alcançar um maior sucesso desportivo do que a República Federal Alemã na casa destes).[1]

Dentro deste paradigma é fundamental referir o papel de dois organismos centrais na política e no modelo organizativo do Desporto da RDA: a DTSB (*Deutsche Turn und Sportbund*), que era a maior instância e que congregava no seu âmago todas as associações desportivas nacionais (e na qual eram discutidos e propostos os grandes planos políticos a aplicar), e também a Comissão Nacional de Desportos de Elite, que estava representada a nível regional e dividida em 15 subcomissões a nível nacional.[3]

O papel da DTSB era fulcral neste contexto, sendo liderada por Manfred Ewald (líder da organização desde 1961 até à sua demissão em 1988), sendo ao mesmo líder do Comité Olímpico Nacional entre 1973 e 1990. Como exemplo das convicções políticas de Ewald, parece-me relevante mencionar um discurso realizado antes dos JO de 1976: “(...)estes atletas que vamos enviar a Montreal não vão realizar milagres, mas estarão determinados para demonstrar que num estado socialista o Homem pode desenvolver-se até ao limite das suas capacidades físicas e intelectuais, isto é o que ele eles vão tentar provar através do seu desempenho e do seu comportamento durante a competição.”[4]

Como era este órgão que estava responsável por todas as grandes decisões no que concerne aos desportos de elite, era habitual a presença nas reuniões semanais do organismo de figuras ilustres do Partido de Unidade Socialista, de membros dos departamentos estatais, dos Serviços Médicos para o Desporto, do Instituto de Investigação de Leipzig e de membros de Organizações Não-Governamentais, sendo o documento mais importante de preparação para os diferentes ciclos Olímpicos (Decisões para os Desportos de Elite) preparado por este órgão.[3]

É de salientar que a agenda Marxista-Leninista do regime nunca foi propriamente um tema velado pelas próprias autoridades da RDA, estando políticos, académicos e educadores profundamente embrenhados na causa. Como exemplo o jornal desportivo de maior expressão do país, o “Theorie und praxis der Koperkultur” publicou um discurso de Ewald no qual ele assinalava a necessidade de criar uma identidade nacional através de um sistema desportivo massivo.[3] Através deste, os participantes iriam aprender todas as capacidades necessárias para a implementação do estado Socialista

ideal: trabalho de equipa, cooperação, capacidades motoras, reflexos rápidos, maior capacidade de trabalho e resistência ao sofrimento e eficiência. Todos estes atributos deviam contribuir para um povo mais saudável, com mais energia e mais motivado para as tarefas diárias.

Esta forma de pensar estava bem interiorizada dentro do regime, como se o Desporto fosse o motor que permitisse a criação de um Homem melhor, ou seja, a personalidade ideal Socialista advinha da prática de desporto, seja ele qual fosse. Como derradeiro exemplo desta corrente de pensamento podemos pegar nas palavras do líder do Partido de Unidade Socialista Erich Honecker, num discurso que pretendia homenagear os atletas do país participantes nas Olimpíadas de 1980, realizadas em Moscovo: “o trabalho do Partido está dirigido de forma a poder satisfazer os desejos da classe operária, de forma a conseguir dar bem-estar a toda a população. O propósito nobre que tem vindo a ser perseguido de tentar alcançar uma sociedade Socialista avançada é e será atingido através da prática da política do Partido, ou seja, temos o propósito derradeiro de elevar os níveis culturais e os padrões de vida da sociedade, baseado no crescimento sustentado da produção, e num aumento da eficiência. Neste contexto, o Desporto encoraja o Povo de forma a seguir esses objectivos, e a servir a causa do Socialismo e da Paz.”.[4] Para Jean-Marie Brohm sociólogo do Desporto, crítico deste sistema, não é por se apresentar como um modelo puro e sem falhas, que este vai representar de forma ideal o Socialismo, visto que em último caso, ao recorrer a métodos pouco claros para tentar ganhar vantagens competitivas sobre os adversários apenas fez com que o sistema se tornasse vulgar e cada vez mais susceptível a ser corrompido. [5]

Mas não é só neste tipo de planos que se podia apreciar a influência do Estado no Desporto: desde muito cedo, nos anos 50 (relatório de 1954), houve a tentativa de dar ao Desporto uma ligação bastante forte aos símbolos nacionais do país de forma a combater a ideologia inimiga propagada pela RFA (República Federal Alemã) e que tentavam (através de agentes infiltrados) roubar conceitos acerca do plano conceptual de movimento desportivo do país.[6] Estes agentes tinham o propósito derradeiro de criar desordem dentro da classe operária, o que tinha de ser evitado a todo o custo. Como tal,

todos os elementos da RDA que se deslocassem a provas ao país rival tinham de ser “suficientemente conscientes do militarismo e imperialismo do Estado que iam visitar”. Um dos outros objectivos deste plano era criar nos atletas “uma sensação de amor e dever perante o Estado do Trabalhador e do Agricultor e ao Partido” e também que eles tivessem a noção de que: “haja o conhecimento do declínio do Desporto na RFA devido à política de ganância, lucro e do profissionalismo, e as privações que os seus atletas passam devido à eminência do estado de guerra naquele Estado.” Tal afirmações sobre o estatuto profissional dos atletas era uma situação bastante ambígua dentro da Alemanha de Leste, na medida em que os atletas eram bastante bem pagos (através de fontes anónimas) quando alcançavam bons resultados. Tais pagamentos eram feitos por via não-oficial de forma a não comprometer o estatuto de amador dos diferentes atletas, visto ser uma condição necessária para que os atletas pudessem participar nos Jogos.[7] Neste relatório é ainda apontada a necessidade de incrementar o papel da imprensa desportiva (importante nesse contexto seria o papel do *Theorie und praxis der körperkultur*, publicação de inspiração soviética criada em 1952) para servir como um meio de propagar a propaganda e agitar o movimento de desporto democrático.

Registo Bibliográfico:

- [1] Beamish, R. e Ritchie, I. (2006) “Fastest, Highest, Strongest: A Critique of High-Performance Sport”, Routledge, USA.
- [2] Novosti Press Agency Pub. House (1976) “USSR-GDR: 25 years of cooperation in science and technology”, Novosti Press Agency Pub. House, URSS.
- [3] Meyer e Meyer Verlag, (2007) “Deutsche Hochschule für Körperkultur Leipzig, 1950-1990”, Gerhard Lehmann, Alemanha.
- [4] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University.

[5] http://infokiosques.net/imprimersans2.php?id_article=165, última vez consultado em 31/03/2013

[6] Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University.

[7] <http://www.nytimes.com/1989/12/11/sports/sports-in-east-germany-a-system-under-siege-e-german-perquisites-draw-fire.html?pagewanted=all&src=pm>, última vez consultado em 29/03/2013

12. Casos comparáveis

Dentro deste caso podemos encontrar muitas situações de educação prática desportiva levada ao extremo, especialmente quando falamos da altura da Guerra Fria e da competição em blocos, sendo uma situação delicada, seja na demonstração de antagonismo face à União Soviética, seja no caso oposto, ou seja de apoio a esta:

12.1 Roménia

O caso romeno é bastante evidente do uso de um desporto em concreto associado à imagem exterior de toda uma nação. No caso romeno a disciplina que assumiu o protagonismo foi a ginástica, especialmente no que concerne à vertente feminina da modalidade. Era o propósito do regime conseguir através do desporto os seguintes propósitos: criar na população uma sensação de orgulho e de comunidade a nível nacional; legitimar o regime Socialista, e dar uma imagem de sucesso do mesmo, seja a nível interno, seja a nível externo; projectar imagens positivas da Roménia enquanto nação soberana de forma a assegurar o prestígio e alcançar reconhecimento a nível global.[1]

Durante o período da Guerra Fria as ginastas romenas tornaram-se símbolos culturais, tendo sido elevadas ao estatuto de heroínas dentro do país. Este tipo de resultados foi obtido em primeira instância com a adopção de métodos de treino importados da União Soviética nos anos 50, de forma que a preparação das atletas fosse iniciada desde muito tenra idade.[1] Nos anos 60, a progressão natural do sistema fez com que os romenos adoptassem por si próprios métodos de treino únicos, o que fez disparar em termos de qualidade a performance das atletas (fomentado por melhores condições de trabalho associado à maior qualificação dos treinadores existentes no país). A este sistema próprio de desenvolvimento do desporto no país deu-se o nome: “Escola de Ginástica Romena”. Esta escola atingiu o seu apogeu nos anos 70 e 80, e em certa medida fez com que a Roménia entrasse no mapa Mundial em termos político-desportivos, e não deixou

de ter um papel significativo na guerra fria e no contexto específico da competição entre Blocos.[2]



Figura 22: Nadia Comaneci em acção nos Jogos Olímpicos de 1976, realizados em Montreal, Canadá.

Fonte: National Geographic

12.2 Polónia

Durante o período da Guerra Fria a Polónia viveu momentos de grande instabilidade política, especialmente depois da morte de Estaline. Em 1956, depois da morte do líder polaco à data, Boleslaw Bierut, o povo polaco acreditou que era possível a reforma do regime, tendo havido grandes revoltas em Poznan.[3] Neste contexto apareceu Wlasdylaw Gomulka, um liberal que tinha como grande promessa uma maior abertura do regime, sendo que ao longo dos anos 60 e 70 tais promessas foram sendo quebradas,

e o regime foi sendo cada vez mais contestado.[4] Ao longo deste tempo, também se usou o desporto como um meio para afirmar politicamente o país no contexto internacional. Ao contrário do caso romeno, em que havia apenas um desporto de eleição, no caso polaco podemos observar um maior número de desportos no qual a Polónia assumia papel de revelo no contexto global. Desportos como o futebol (3º lugar nos Mundiais de 1974 e 1982), do Voleibol (campeão do mundo em 1974, medalha de prata do campeonato da Europa em 1975, 1977,1979, 1981 e 1983, medalha de bronze em 1967 e 4º lugar em 1985), do Andebol (3º lugar nos Jogos Olímpicos de 1976 e 3º lugar no Campeonato do Mundo de 1982), Atletismo (desporto que até à data mais medalhas olímpicas deu ao país, e no qual se destacou a atleta Irena Szewinska com sete medalhas obtidas entre 1964 e 1972). No total das 271 medalhas olímpicas conquistadas até hoje pela Polónia, mais de metade 167 foram conquistadas neste período temporal, o que muito diz sobre o investimento no Desporto feito naquela altura (com forte influência no sistema desportivo pelas práticas soviéticas e o sistema de massificação de actividades desportivas daí associado). [5]



Figura 23: Irena Szewinska em acção numa prova de 400 metros.

Fonte: Comité Olímpico do Canadá

12.3 Checoslováquia

O caso checo é um caso ligeiramente distinto dos restantes, na medida em que o Desporto foi essencialmente um veículo para exprimir sentimentos nacionalistas bastante vincados na sociedade, indo muitas vezes frontalmente contra as intenções da União Soviética, quase desafiando abertamente as indicações desta (caso raro para um estado satélite do Pacto de Varsóvia).[6] Neste contexto, qualquer confronto desportivo que colocasse o país frente à força ocupante tornava-se um evento de transcendental importância para o reforço de uma identidade nacional, especialmente relevante pelo dado histórico de a Checoslováquia ter vivido apenas durante algumas dezenas de anos como nação independente ao largo de quatro séculos. Como exemplo disto podemos socorrer-nos das palavras de Martina Navratilova, campeã de ténis oriunda daquele país: “no meu país, o desporto era a única via para mostrar sentimentos de orgulho nacional, uma das poucas formas seguras de o fazer. Podia-se torcer por uma equipa checoslovaca, mesmo contra uma equipa da União Soviética. Era uma tradição que já vinha desde o Século XIX, quando as pessoas formavam clubes para poder competir em ginástica, como a famosa escola de Sokol. Era a única de forma de poder demonstrar aos Habsburgos que ainda éramos checos, mesmo pertencendo ao Império Austro-Húngaro”. [7] Após a Primavera de Praga em 1968 temeu-se que os checoslovacos pudessem usar os Jogos da Cidade do México como veículo para expressar o seu descontentamento pela opressão Soviética às tentativas vãs de reforma que haviam sido congeminações pelo Partido Comunista Checoslovaco. No entanto, a única situação mais bicuda que ocorreu foi durante a cerimónia de abertura, na qual os atletas checoslovacos foram recebidos por uma ovação monumental quando entraram no estádio Olímpico.[8]

Neste contexto específico o comité Olímpico checo nunca foi uma autoridade independente do poderio estatal (salvo um raro período entre 1975 e 1977, período durante o qual gozou um momento de glória esporádica), estando no restante tempo sempre sobre a alçada do regime comunista, incorporado num organismo estatal denominado por Comité Estatal para a organização da Educação Física, tendo só se tornado uma instituição soberana após a Revolução de Veludo em 1989.[9]



Figura 24: Martina Navratilova, a maior tenista Checoslovaca de sempre com o troféu de Roland Garros.

Fonte: AFP

12.4 Hungria

A relação da Hungria com o Desporto sempre foi forte, e isso nunca mudou no Período da Guerra Fria.ref9 Como exemplo derradeiro da transposição deste conflito para a arena desportiva, nada melhor como falar do episódio ocorrido nos Jogos de Melbourne em 1956, no qual o rancor entre o país e a União Soviética (resultante da ocupação sangrenta do país naquele ano, na sequência da Revolução Húngara que havia tentado expulsar do poder o governo pró Moscovo existente no país) [10] veio ao de cima, tendo tido como consequência prévia o boicote de países devido ao facto de URSS estar presente no evento (os países em questão foram a Espanha, a Holanda e a Suíça), não deixando de ser significativo que no entanto tanto os Estados Unidos como a República Federal Alemã não tenham alinhado no boicote.[11] Na meia-final da competição de Polo Aquático, que enfrentou precisamente os dois países intervenientes no conflito, todo este ódio transbordou e a contenda acabou por ser interrompida devido à extrema violência ocorrida ao longo da partida, que fez inclusive com que a maior estrela húngara no desporto Ervin Zador (para termos noção da importância deste atleta é relevante mencionar que este chegou a treinar Mark Spitz após ter deixado a competição) fosse afastado da final por causa das lesões sofridas (após 13 pontos no seu sobrolho foi decretado que ele não poderia competir na partida decisiva contra a Jugoslávia).[11] Este evento foi dos mais significativos naqueles Jogos, e não fosse a

intervenção dos árbitros (que interromperam o jogo a um minuto do seu final) o cenário mais provável teria sido a invasão de campo por parte dos adeptos presentes, totalmente enojados pela conduta da equipa soviética). Para a História este jogo ficou conhecido como “Sangue na água”. De destacar que apesar destes contratemplos a equipa húngara conseguiu mesmo vencer o ouro Olímpico, tendo levado de vencida a equipa jugoslava por 2-1 na final da competição. Como tantos atletas à data (como exemplo derradeiro Ferenc Puskas, estrela maior do futebol magiar) vários atletas desta selecção húngara de Pólo Aquático fugiram do país procurando asilo político em países do Ocidente, de forma a fugir ao regime comunista instalado no país após a Revolução ter sido esmagada por tropas Soviéticas.



Figura 25: Ervin Zandor no final do jogo de Polo Aquático entre a Hungria e a União Soviética, respeitante à meia final do torneio Olímpico disputado em Melbourne, Austrália em 1956.

Fonte: Bettmann/Corbis

Registo Bibliográfico:

[1]Site

https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/16106/Wood_Mihaela.pdf?sequence=1, última vez consultado a 01/04/2013

- [2] Bierut, Boleslaw (1950) “The Six-Year Plan of Economic Development and Building the Foundations of Socialism in Poland”, Ksiazka i Wiedza, Polónia.
- [3] Bethell, Nicholas (1973) “Gomulka: His Poland and His Communism”, Penguin Books, UK.
- [4] <http://www.databaseolympics.com/country/countrypage.htm?cty=POL>
- [5] Site
<http://triceratops.brynmawr.edu/dspace/bitstream/handle/10066/1000/2007FishmanA.pdf?sequence=1>, última vez consultado a 01/04/2013
- [6] Site Fishman, Andrea (2007) “You’re not Czech if you’re not jumping up and down: Sport and Nationalism in Communist Czechoslovakia”
- [7] Nolte, Claire E.(2003) “The Sokol in the Czech Lands to 1914: Training for the Nation”, Palgrave Macmillan, UK
- [8] Witherspoon, Kevin B.(2008) “Before the Eyes of the World: Mexico and the 1968 Olympic Games”, Northern Illinois Univ Pr, USA
- [9] <http://www.radio.cz/en/section/czechs/a-brief-look-at-the-history-of-the-czech-olympic-movement>, última vez consultado em 30/03/2013
- [10] Matthews, John P.C. (2007) “Explosion: The Hungarian Revolution of 1956”, Hippocrene Books, USA
- [11] DK Publishing, (2011), “The Sports Book”, DK Publishing, USA

13. Conclusão

Na dissertação realizada procurei perceber o quanto o Desporto foi um veículo para a afirmação internacional da antiga República Democrática Alemã. A partir do estudo efectuado consegui perceber que um Estado pode concentrar durante um período relativamente alargado de tempo os seus recursos com o propósito derradeiro de fazer com que o país se torne uma grande potência desportiva, nomeadamente através da canalização de fundos para a formação massificada de atletas, nomeadamente através de um processo rígido de selecção de talentos, conduzidos a partir de tenra idade. É indesmentível que tal programa obteve resultados sem paralelo à escala global, especialmente se considerarmos a escassez de recursos humanos existente no país (cerca de 17 milhões de habitantes). Perante estes dados e face aos resultados alcançados é possível afirmar sem qualquer tipo de dúvida que durante a sua relativamente curta existência a RDA conseguiu em grandes certames Internacionais o maior número de medalhas *per capita* de entre todas as nações do globo. A este sucesso sempre esteve associado um grande peso do regime nas decisões tomadas, a qualquer nível hierárquico. Assim, qualquer membro do sistema que fosse posto em causa pelo regime estava à partida condenado a deixar de fazer parte do mesmo, especialmente se fosse sugerido que tinha ideologias contrárias à doutrina oficial vigente. Este tipo de controlo foi muitas vezes nefasto para o próprio sistema desportivo, na medida em que muitos atletas, rodeados desta atmosfera de pouca liberdade, acabavam por procurar exílio do outro lado da fronteira, nomeadamente na República Federal Alemã (como aliás está bem demonstrado pelos exemplos mencionados acima), sendo que tal situação foi uma constante ao longo dos pouco mais de quarenta anos da existência do Estado Alemão de Leste. Em termos meramente desportivos, pode afirmar-se que o sistema foi-se aperfeiçoando com o passar dos anos, tendo alcançado o melhor desempenho durante os anos 80, após uma ascensão sustentada ao longo dos anos 70, o que tendo em conta que o país só começou a competir como uma nação soberana em 1972, nos Jogos realizados em Munique acabou por ser um grandioso feito para uma nação de recursos humanos tão limitados.

Neste caso concreto é fundamental mencionar o nível de proximidade entre o regime de Ulbricht (e posteriormente Hoenecker) e o regime soviético. O grau de flexibilidade política (bastante diminuto) do regime de Berlim teve vantagens e desvantagens na implementação devida do sistema desportivo no país. Ao mesmo tempo que as normativas impostas pelo regime tinham o mérito (devido à extrema ortodoxia do mesmo) de seguir propósitos claros, havia desvantagens notórias nesta abordagem, como ficou aliás provado no boicote realizado pelo país aos Jogos de Los Angeles em 1984, já que nessa situação em concreto uma geração de atletas bem preparados para enfrentar os seus rivais de todo o mundo ficou privado dessa oportunidade por algo que não lhes dizia respeito, ou seja, a subjugação à União Soviética tinha custos elevados. Assim, ao longo desta década o nível da capacidade de resolução de problemas que foram surgindo ao longo foi-se revelando bastante diminuto, o que contribuiu em parte para a crise que se começou a sentir a partir de meados dos anos 80, especialmente no que concerne à renovação das instalações desportivas e ao nível da capacidade de recrutamento nas populações mais jovens. Em concreto, as mudanças produzidas no regime soviético com a entrada de Mikhail Gorbatchev para a condução das rédeas do Partido Comunista da União Soviética teve consequências dramáticas para a sobrevivência da República Democrática Alemã, quer em termos políticos como também em termos económicos. Deixando de ter o seu principal mercado para escoar os seus produtos, a economia planificada entrou em colapso, situação que se tornou tanto mais grave pelo elevado grau de dependência dos subsídios atribuídos por Moscovo (a dependência era quase total, não se cingindo à política mas também à economia).

Apesar de tudo, houve aspectos bastante positivos a considerar na implementação do regime atlético no país, que vieram a ser utilizados mais tarde por algumas das nações rivais, caso de nações tão díspares como a Austrália ou mesmo a República Federal Alemã, na medida em que a ideia de treino intensivo a partir de tenra idade era visto como vantajoso para um desenvolvimento cognitivo mais precoce dos futuros atletas. A percepção pública de sucesso desportivo do país do lado de lá do Muro teve efeitos no reconhecimento do país (o modelo desportivo era tido como positivo e viável para uma parte significativa da população e para os treinadores, mas não para os atletas, isto no caso da RFA), mas não contribuiu de forma significativa para mudar a forma como os estrangeiros encaravam o país (o sistema político socialista nunca foi verdadeiramente

validado por opiniões públicas exteriores ao Pacto de Varsóvia), apesar dos esforços do regime em associar as suas vitórias desportivas à superioridade política de um sistema marxista-leninista bastante rígido, e da personalidade socialista perfeita que cada atleta teria de ter (fruto de uma educação política e ideológica bem sustentada) para representar a nação em certames de cariz internacional.

Este sistema massificado desportivo teve efeitos bastante positivos na moral da população do país, mas com o passar dos anos o custo dessas vitórias começou a tornar-se insustentável, tal ficando comprovado pelos eventos subsequentes ao desabar do sistema, bem como pelos efeitos nefastos que este sistema teve em gerações de atletas. Já nos últimos anos de vigência do sistema desportivo do país, os pais dos jovens, após verem o que acontecia aos atletas em idade adulta (uso de substâncias dopantes e outras alterações psicológicas resultantes da educação política praticada durante o período de treino, para além do recurso massivo a substâncias dopantes) começaram a retirar os seus filhos dos programas de detecção de talentos, procurando assim evitar que estes passassem pelo mesmo que os seus compatriotas de gerações anteriores. Assim, apesar de no curto prazo a capacidade do país possuir atletas de alto nível, a médio e longo prazo tal situação tenderia a levar a que o sistema entrasse em declínio, sendo assim complicado acreditar que o nível dos resultados obtidos pelo país até à data seria possível de ser mantido.

A partir do momento em que a capacidade de recrutamento diminuiu a própria fé no sistema começou a diminuir, e aliada à falta de capacidade financeira do país (bastante associada às reformas políticas na União Soviética que fizeram com que o país perdesse o seu maior aliado), o sistema acabou por entrar em colapso, sendo não mais do que o reflexo do estado do país, que estava a entrar em decomposição a uma velocidade alucinante, facto comprovado pela eventual Queda do Muro de Berlim, e o posterior desabar da República Democrática Alemã.

14. Bibliografia

- Feis, H. (1960), "Between War and peace: The Potsdam Conference" Princeton University Press, USA;
- Schwartz, H. P. (1995), "The division of Germany 1945-49" em "The Cambridge History of the Cold War", Edição por Melvyn P. Leffler e Odd Arne Westad, Cambridge University Press, UK;
- Artigo "The age of Keenan" by Harry Kissinger artigo publicado no New York Times, 10 Novembro 2011;
- Bostdorff , D. N. (2008) "Proclaiming the Truman Doctrine: The Cold war call to arms" Texas A&M University Press, USA;
- Lewis , W. J.(1983) "Warsaw pact: Arms, Doctrine and strategy", McGraw Hill Higher Education, UK;
- Ostermann, C.; Maier, C. S. e Byrne, M. (2003), "Uprising in East Germany, 1953: The Cold War, the German Question, and the First Major Upheaval Behind the Iron Curtain" Central European Univ. Press, UK;
- Grant, R. G. (1991) "The Rise and Fall of the Berlin Wall", Mallard Press, USA;
- Site http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=3510, consultado pela última vez a 01/04/2013;
- Site <http://www.zov-sportverraeter.de/en/exhibition/>, consultado pela última vez a 01/04/2013;
- Site <http://www.dw.de/east-germanys-sport-traitors/a-16122392>, última vez consultado a 01/04/2013;
- Buhs A., Charles (2012) "International Politics & the Modern Olympic Movement";
- Carr, G. A. (1980) "The Involvement of Politics the Sporting Relationships of East and West Germany, 1945-1972", Taylor & Francis, UK;
- Sunon H., "Beitrage des DDR-Sports zum intemationalenAnsehen der DDR zwischen 1959 und 1970," WissenschaftUcheZeitschrift d. DHfK. 31, no. 1, (1990): 26-7.Página 13;

- Kirchhofer, K. A. (1974) “The Hallstein Doctrine”, University of Delaware, USA;
- Guttmann, A. (1984). “The Games Must Go On: Avery Brundage and the Olympic Movement”, Columbia University Press, USA;
- Cole, B. C. (2000) “The East German Sports System: Image and reality”, Texas Tech University;
- DK Publishing, (2011), “The Sports Book”, DK Publishing, USA;
- Matthews, John P.C. (2007) “Explosion: The Hungarian Revolution of 1956”, Hippocrene Books, USA;
- <http://www.radio.cz/en/section/czechs/a-brief-look-at-the-history-of-the-czech-olympic-movement>, última vez consultado em 30/03/2013
- Witherspoon, Kevin B.(2008) “Before the Eyes of the World: Mexico and the 1968 Olympic Games”, Northern Illinois Univ Pr, USA;
- Nolte, Claire E.(2003) “The Sokol in the Czech Lands to 1914: Training for the Nation”, Palgrave Macmillan, UK;
- Site Fishman, Andrea (2007) “You’re not Czech if you’re not jumping up and down: Sport and Nationalism in Communist Czechoslovakia”; <http://triceratops.brynmawr.edu/dspace/bitstream/handle/10066/1000/2007FishmanA.pdf?sequence=1>, última vez consultado a 01/04/2013
- <http://www.databaseolympics.com/country/countrypage.htm?cty=POL>;
- https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/16106/Wood_Mihaela.pdf?sequence=1, última vez consultado a 01/04/2013 ;
- Meynaud, J. (1966) “Sport et Politique”, Editions Payot, France;
- Berthaud, G; Brohm, J-M; Gantheret, F e Laguillaumie, P (1972) “Sport, Culture et repression”, Collection Maspero, France;
- Bethell, Nicholas (1973) “Gomulka: His Poland and His Communism”, Penguin Books, UK;
- Bierut, Boleslaw (1950)“The Six-Year Plan of Economic Development and Building the Foundations of Socialism in Poland”, Ksiazka i Wiedza, Polónia;
- https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/16106/Wood_Mihaela.pdf?sequence=1, última vez consultado a 01/04/2013;
- Swain, G. (2010) “Tito: A Biography (Communist Lives)”, I. B. Tauris, UK.
- Silvester, J. L. “Anabolic steroids at the 1972 Olympics!”, SOURCE Coach & Athletic Director; 2006, Vol. 76 , 3, p11

- <http://www.nytimes.com/1989/12/11/sports/sports-in-east-germany-a-system-under-siege-e-german-perquisites-draw-fire.html?pagewanted=all&src=pm>, última vez consultado em 29/03/2013;
- http://infokiosques.net/imprimersans2.php?id_article=165, última vez consultado em 31/03/2013;
- Games of the XXII Olympiad: Official Report of the Organising Committee of the Games of the XXII Olympiad MoscowFizkulturai Sport (1981)
- Lord Killanin and John Rodda, eds. "The Olympic Games 1984", HarperCollins Publishers, UK.
- Sarantakes, Nicolas Evan. "Dropping the Torch: Jimmy Carter, the Olympic Boycott, and the Cold War". New York, New York: Cambridge University Press, 2011
- Meyer e Meyer Verlag, (2007) "Deutsche Hochschule für Körperkultur Leipzig, 1950-1990", Gerhard Lehmann, Alemanha;
- Novosti Press Agency Pub. House (1976) "USSR-GDR: 25 years of cooperation in science and technology", Novosti Press Agency Pub. House, URSS;
- Beamish, R. e Ritchie, I. (2006) "Fastest, Highest, Strongest: A Critique of High-Performance Sport", Routledge, USA;
- <http://www.thelocal.de/sport/20100914-29815.html#.UVi-RVeNdpc>, última vez consultado em 28/03/2013;
- Harding, L. (2005) "Forgotten victims of East German doping take their battle to the court", The Guardian;
- Berendonk, B. (2011) "Doping Dokumente: Von der Forschung zum Betrug", Springer-Verlag, Alemanha;
- <http://www.dw.de/east-germanys-sport-traitors/a-16122392>, última vez consultado a 01/04/2013;
- Whetten, L. L. (1971) "Germany's Ostpolitik: Relations Between the Federal Republic and the Warsaw Pact Countries", Oxford University Press, UK;
- Site: <http://www.olympic.org/content/>, última vez consultado a 01/04/2013
- Site: <http://www.olympic.org/content/museum/mosaic/sport-equipment/pierre-de-coubertin/>, última vez consultado a 01/04/2013
- "The Olympic Getaway", Sports Illustrated, 9 de Abril de 1979
- Entrevista de Ines Geipel ao Der Spiegel, Janeiro de 2009;

- Cipkowski, P. (1991) "Revolution in Eastern Europe: Understanding the Collapse of Communism in Poland, Hungary, East Germany, Czechoslovakia, Romania and the Soviet Union", Wiley, USA
- <http://www.databaseolympics.com/games/gamesyear.htm?g=22>, última vez consultado em 30/03/2013
- <http://www.sports-reference.com/olympics/athletes/ot/kristin-otto-1.html>, última vez consultado em 30/03/2013
- Fuchs, R. "Nur 'Haltet den Dieb!' rufen, das hilft nicht," Neues Deutschland. 24 Apr. 1998.
- Einschätzung der Ergebnisse bei den XV. Olympischen Winterspielen 1988, Vorlage für das Sekr. des Bundesvorstandes des DTSB der DDR, May 3, 1988, DTSB DRS 1429, SAPMO at Zeitgeschichte für Sport, Potsdam University
- DTSB, Vorlage für das Sekretariat des Bundesvorstandes, Berlin, July 12, 1989, DRS 1429, SAPMO at Zeitgeschichte für Sport
- Maier, C. S. (1999) "Dissolution: The Crisis of Communism and the End of East Germany", Princeton University Press, USA
- Garcelon, M. (2005) "Revolutionary Passage: From Soviet to Post-soviet Russia, 1985-2000 (Politics, History, and Social Change)", Temple University Press, USA
- Walker, E. W. (2003) "Dissolution: Sovereignty and the Breakup of the Soviet Union (The Soviet Bloc and After)", Rowman & Littlefield Publishers, USA.
- Franke, W. W. e Beredonk B. "Hormonal doping and androgenization of athletes: a secret program of the German Democratic Republic government" *Clinical Chemistry*, 1997, 43, 1262-1279;
- Nothnagle, A. L.(1999)"Building the East German Myth: historical mythology and youth propaganda in the German Democratic Republic: 1945-1989", University of Michigan Press, USA.";
- Sitzung des Sekretariats des ZK der SED, Nov. 18, 1970,
- Crothers, T. "The Secret of Their Success?" *Sports Illustrated*. 72, no. 10, (10 Mar. 1990)
- Dennis, M. e Grix, J. (2012) "Sport Under Communism: Behind the East German 'Miracle'", Palgrave Macmillan, UK.
- Ostermann, C. F. (2003) "Uprising in East Germany, 1953: The Cold War, the German Question, and the First Major Upheaval Behind the Iron Curtain"

- Digel, H. "Doping gestern-Dopmgheute," Leistungssport, 28, no. 4,
- Johnson, M.W. (2008) "Training Socialist Citizens: Sports and the State in East Germany", Brill Academic Pub, The Netherlands
- <http://www.olympic.org/sapporo-1972-winter-olympics>, última vez consultado em 29/03/2013.
- Allensbacher Berichte, 1972/ Nr. 3. Nr. 20 and Nr. 21. in Hartmut Becker, "Der olympische Aufstieg der DDR: Meinungsumfragen in der Bundesrepublik," Deutschland Archiv. 7, no. 2, (1974)
- DTSB Vice President Orzechowski, DTSB Vorlage, Apr. 6,1972, Betr.: Kurze Einschätzung der im Zeitraum 1968-1972 auf dem Gebiete des Wintersports erzielten Ergebnisse u. Schlussfolgerungen für die Vorbereitung der Olympischen Winterspiele 1976," DY12: 365, SAPMO, Anlage 1
- Die Weiterentwicklung des Leistungssport der DDR bis 1980 und die Vorbereitung der Olympischen Sommer und Winterspiele 1976, Protokoll Nr. 12/73 der Sitzung des Politburos der ZK, Mar. 27, 1973, Anlage Nr. 9, SAPMO at Zeitgeschichte für Sport, Potsdam University
- Adam, Y. (1979) "Le Sport dans la vie des soviétiques", Editions Du Progrès, URSS.
- SED Hausmitteilung, Hellmann para Honecker, Nov. 20, 1970
- Schellenberger, K. Die Entwicklung des DTSB der DDR von 1975 bis1981, (Ph.D. diss., Leipzig: Deutsche Hochschule für Körperkultur und Sport, 1987)
- Fulbrook, M. (2009) "Power and Society in the German Democratic Republic, 1961-1979", Berghahn Books, UK.
- Funder, Anna (2004) "Stasiland: stories behind the Berlin Wall", Granta UK, UK;
- Ungerleider, Steven (2001) "Faust's Gold: Inside The East German Doping Machine", Thomas Dunne Books, USA
- Koehler, J. O. (2000) "Stasi: The Untold Story Of The East German Secret Police", Westview Press, USA;
- Zatlin, J. R. (2007) "The Currency of Socialism: Money and Political Culture in East Germany",Cambridge University Press, UK;
- Ross, C. (2002) "The East German Dictatorship: Problems and Perspectives in the Interpretation of the GDR", Bloomsbury, USA;

- Fulbrook, M. (1998) "Anatomy of a Dictatorship: Inside the GDR, 1949-1989", Oxford University Press, USA
- Kissinger, H. (1995) "Diplomacy", Simon & Schuster, USA;
- Dr. Klaus Remartz, "Die Zweiteilung des DDR-Sports: Leistungssport in nichtgeforderten Sportarten," Workshop: Geschichte des DDR-Sports. des Bundesinstituts für Sportwissenschaft, 18 Apr. 1997, 1
- Reeve, S. (2011) "One Day in September: The Full Story of the 1972 Munich Olympics Massacre and the Israeli Revenge Operation "Wrath of God", Arcade Publishing, USA.
- Winkler, H. A. (2007) "Germany: 1933-1990", Oxford University Press.
- Franke, W. W. e Beredonk B. "Hormonal doping and androgenization of athletes: a secret program of the German Democratic Republic government" Clinical Chemistry, 1997, 43, 1262-1279
- <http://www.steroid.com/Oral-turinabol.phtml>, última vez consultado em 30/03/2013
- Winkler, H. A. (2007) "Germany: The Long Road West: Volume 2: 1933-1990", Oxford University Press
- Lehmann, H. G. (1996) "Deutschland Chronik 1945-1995", Bouvier, Alemanha
- Stolarik, M. (2010) "The Prague Spring and the Warsaw Pact Invasion of Czechoslovakia, 1968: Forty Years Later", Bolchazy-Carducci Publishers, USA
- Erste Einschätzung der XIII. Olympischen Winterspiele 1980 in Lake Placid (EUA)
- Protokoll Nr. 32, der Sitzung des Politburos des ZK der SED, Aug. 12, 1980, DY30 JIV 2/2 1852, SAPMO at Zeitgeschichte für Sport, Potsdam University.
- Klaus Wiegrefe, "Honecker und Breznev auf der Krim," Viertelsjahresshefte für Zeitgeschichte. 41, no. 4, (Oct. 1993).
- Beschluss "Die Weiterentwicklung des Leistungssports der DDR und die Vorbereitung der Olympischen Spiele 1980"
- Bericht, Abteilung Agitation, Berlin, Jan. 23, 1980, DY30IV 2/2.037 14, SAPMO at Zeitgeschichte für Sport, Potsdam University
- Sebestyén, Victor (2009) "Revolution 1989: The Fall of the Soviet Empire", Pantheon.
- Ash, T. G. (1998) "The File: A Personal History", Vintage.

- <http://articles.latimes.com/2002/oct/24/local/me-ewald24>, última vez consultado no dia 30/03/2013.